

J. R. LANKFORD

# CRISTO CLONADO

ROMANCE

*Tradução de Laura Vilaça*



**Título original:** The Jesus Thief **Autoria:** J. R. Lankford  
Copyright © 2003 by J. R. Lankford Publicado original-  
mente nos EUA por Great Read Books. Todos os direitos  
reservados. **Tradução:** Laura Vilaça **Revisão:** António  
M. Pacheco **Composição:** Saída de Emergência, em  
caracteres Minion, corpo 11 **Capa:** www.cortereal.net  
**Impressão e acabamento:** Relgráfica, Benedita  
**2ª edição:** Outubro, 2004 **ISBN** 972-8839-00-6  
Depósito Legal n.º. 214290/04 **Edições Saída de  
Emergência** é uma marca registada das **Edições Fio  
da Navalha, Lda.** Av. da República, nº861, Bloco A,  
5.º, 2775-274 Parede [www.saidadeemergencia.com](http://www.saidadeemergencia.com)

## NOTA DO AUTOR

Em 1988, uma equipa de cientistas retirou amostras do Sudário de Turim, que mede aproximadamente 4,3m por 1m e é um pano de linho antigo, todo feito manualmente e que pretensamente teria servido de mortalha a Cristo. As amostras foram sujeitas a testes de rádio carbono em laboratórios do Arizona, Oxford e Zurique. Todos estes testes laboratoriais dataram o Sudário de linho entre 1260-1390 D.C.

Parecia que o pano dobado mais famoso do mundo era, apesar de tudo, uma das muitas falsificações de relíquias cristãs fabricadas na Europa por volta desta época – poucas das quais tinham alguma vez estado perto de Jerusalém, muito menos no corpo crucificado de Jesus Cristo.

Cépticos, dois especialistas que tinham examinado o Sudário declararam subsequentemente: “Acreditamos que o Sudário foi remendado... com materiais do século XVI.”

Seria a datação por carbono realizada, uma em parte do remendo e outra na parte do Sudário, que distorcia os resultados?

O registo histórico poderia na realidade sugerir que pedaços retirados das orlas –talvez no tempo do reinado de Carlos IV da Boémia– teriam sido mais tarde repostos ou remendados, misturando fios do primeiro e do décimo sexto séculos, nos cantos de onde as amostras para os testes de rádio carbono tinham sido retiradas. Um especialista de têxteis de renome examinou a amostra e disse: “Não há dúvida de que há material diferente em cada lado... existe efectivamente um remendo.”

Em 2002, análises químicas comprovaram que estes especialistas tinham razão.

A autenticidade do Sudário ficou mais plausível; mas os seus Protectores Pontificais até agora ainda não rejubilaram, tendo recentemente removido todos os remendos do Pano Sagrado.

Salvo se, e até a Igreja homologar novos testes, os fieis terão que confiar nos resultados da investigação científica previamente realizada. O Projecto de Investigação de 1978 ao Sudário de Turim dizia no seu Relatório Final: “Podemos concluir por agora que a imagem do Sudário é a de uma autêntica figura humana, um homem flagelado e crucificado. Não é o produto de um artista. As marcas de sangue são compostas de hemoglobina e também o teste

de soro albumina foi positivo. A imagem é um contínuo mistério.”

Entretanto, uma parte do quebra-cabeças parece ter sido solucionado. Dois cientistas altamente considerados juntaram-se, as Universidades de Jerusalém e Carolina do Norte estudaram amostras de pólen retirado do Sudário; e concluíram que a sua origem era a de uma planta que cresce em Israel, Jordão e Sinai e em mais nenhuma parte da terra.

Para aqueles que amo...



## CAPÍTULO . 1

Quarta-feira, de tarde, 12 de Janeiro – Turim, Itália

Ao longo da maior parte dos seus quarenta e dois anos, o Dr. Felix Rossi desejou estar aqui na Capella Della Sacra Sindone, a capela no topo das escadas da Duomo, a Catedral Renascentista de Turim, quando os padres abrissem o tabernáculo. Este acontecimento tinha ocorrido apenas seis vezes no século XX e raramente na presença de alguma pessoa para além dos padres. Ele desejara estar por baixo da famosa cúpula envidraçada de Guarini, enquanto o sol lançava deslumbrantes caleidoscópios de brilho sobre os portões de ferro do tabernáculo. O dia tinha finalmente chegado.

Expectante, aguardava com o padre Bartolo, sob os seus pés o mármore negro, cercando-os, uma balaustrada de mármore branco com anjos nas extremidades. Espalhadas por toda a catedral, o seu criador Guarini tinha colocado estátuas de anjos. Há mais de quatrocentos anos que ali estavam, soprando trompetas, tocando harpas, voando de asas abertas, pairando numa gelada vigília, enquanto guardavam a relíquia mais famosa da Cristandade. A luz do sol fez brilhar o par de pequenos anjos de ouro sobre os portões e sobre os dois arcanjos inclinados sobre os seus bastões, como que preocupando-se apenas com eles. Com o brilho da luz, Felix Rossi mal conseguia ver, mas não foi capaz de desviar o olhar. Lembrar-se-ia deste momento até à hora da sua morte.

Ninguém falou enquanto os dois padres subiram até ao altar, para abrir os portões de ferro do tabernáculo e retiraram o cofre de prata. Em 1509, Margarida da Áustria tinha-o encomendado para este propósito específico, sob a condição de que fosse rezada uma missa diária em seu nome. O cofre tinha um metro e meio de comprimento, por um de largura, estava incrustado com jóias, atado com uma fita vermelha e selado com cera vermelha.

Dentro do cofre, estava o Sudário de Turim.

Lentamente, cuidadosamente, eles entregaram-no a Felix, que nesta ocasião representava a Ciência, e ao padre Bartolo que representava a Fé. Uma aliança frequentemente difícil, mas não neste dia. Felix tinha calmamente reunido a equipa de peritos que aguardavam para examinar o Santo Sudário. O Sudário tinha sido sujeito previamente a duas investigações científicas. Uma em 1978, outra em 1988. A sua investigação seria a terceira.

Através de uma nova Custódia Pontifical do Sudário, a Igreja tinha-o escolhido a ele, apesar das objecções de um bispo que achou que a aparência de Félix chamava demasiado a atenção das mulheres. O Custódio teve em consideração o seu duplo doutoramento pela Universidade de Harvard, um MD-PhD em medicina e microbiologia, a sua abordagem objectiva e científica, de que era Católico, devoto e filantrópico em relação à Igreja. A opinião do Bispo foi rejeitada. Felix pediu apenas discrição no que respeitasse ao seu trabalho com o Sudário, apesar de ser o grande trabalho da sua vida.

Mas o seu sonho estava prestes a tornar-se realidade, tirou os olhos do cofre e sentiu a frieza da sala de mármore, cheirou o resíduo sufocante de séculos de incenso queimado, o seu fumo erguendo-se na catedral para ajudar a ascensão das orações dos fiéis.

Nesta cerimónia, o Cardeal usava a mitra encarcada na cabeça, vestia uma sotaina vermelha, e por cima, uma sobrepeliz branca até aos joelhos. Ergueu ao alto um crucifixo e disse: –In nomine Patris, et Filii, et Spiritus Sancti Ámen,– ao mesmo tempo que se benzia. Os outros fizeram o mesmo. Felix foi lento a movimentar a sua mão e fê-lo mecanicamente, esperando que ninguém tivesse reparado. Depois oito padres com batinas pretas e sobrepeliz brancas alinharam-se em duas filas por trás do Cardeal. Fazendo sinal para o velho Bartolo, Felix baixou a extremidade do cofre do seu lado para que carregasse a maior parte do peso. Ele e Bartolo desceram os dois degraus da balaustrada e contornaram o altar, seguindo os padres. Até 1865 esta tinha sido a catedral dos Duques de Savoy – que se vieram a tornar a família real italiana – a passagem para a ala ocidental do palácio, continuava a existir. Era ali, na sacristia, que os cientistas iriam trabalhar.

Os flashes das máquinas fotográficas dispararam quando eles entraram no longo e dourado corredor. As fotografias não iriam aparecer na imprensa porque estes eram fotógrafos da igreja. Uma mulher que se encontrava entre eles corou quando o seu olhar se cruzou com o olhar de Felix e sem hesitar, ele inclinou a cabeça e deixou o seu cabelo preto deslizar sobre os olhos para não a ver – como se tivesse jurado votos como os padres. Não queria que nada o desviasse da dignidade da procissão, ainda que Felix soubesse que algo já o tinha conseguido.

Aparentemente estava tudo conforme planeado; ele na sua bata branca de laboratório, o padre Bartolo de preto, o silêncio quebrado apenas pelo comedido caminhar dos seus passos e o ranger das máquinas fotográficas. Pela solenidade dos poucos observadores de confiança que se encontravam na sala, o cofre poderia conter um homem que tivesse morrido ontem, e não uma imagem numa antiga peça de linho.

Quando entraram na sacristia as conversas pararam.

Felix e o Padre Bartolo colocaram o cofre numa longa mesa de madeira.



Depois Felix dirigiu-se à sua equipa de cientistas, todos de batas brancas e luvas cirúrgicas. Aguardavam uns ao lado dos outros, e quando ele se aproximou, afastaram-se com deferência dando-lhe lugar. Ele era na ciência, o superior deles, e na sua fé era inabalável.

Nenhum deles suspeitava de que ele pudesse ser judeu.

Até há duas horas atrás, o próprio Felix o desconhecia. A palavra ressoava-lhe na cabeça – a sua sonância, o seu significado – e fazia com que tudo o resto deixasse de ter significado.

Assistiu aos padres a cortarem a fita vermelha, a abrirem o cofre, e a removerem o que parecia ser uma coberta de tafetá vermelho. Quando a desenrolaram, sentiu-se um cheiro levemente desagradável. Retirado o tafetá, viu-se o Santo Sudário de Turim, o seu linho da cor de chá com leite.

Por momentos ninguém se moveu.

Os cientistas, os observadores que se encontravam junto das paredes, os padres pela sala, as Pobres Irmãs Clarissas que haviam cosido um forro especial no Sudário e o iam agora remover, tinham ficado todos imobilizados perante este Linho Sagrado, o qual tão poucos haviam visto ao vivo.

Felix não prestou atenção à oração que era pronunciada:

Oh Santo Rosto do meu Bom Salvador  
Pelo teu caridoso amor  
E doloroso sofrimento  
De Nossa Senhora que por ti olhou  
Na tua cruel Paixão,  
Permite-nos partilhar este  
Intenso sofrimento e amor  
Para que seja feita a divina vontade  
De Deus todo-poderoso.

O seu pensamento, estava no seu fato preto e no Turim Palace Hotel, duas horas atrás. A sua irmã Frances estava a telefonar-lhe de Nova Iorque para lhe dizer que Enea, a sua tia, e última familiar viva, tinha morrido da sua doença prolongada. Antes de morrer, tinha dado a Frances uma chave e uma caixa fechada cheia de cartas – uma dirigida a ele, com a letra de seu pai. Vacilando no italiano, Frances leu algumas ao telefone – as cartas eram dirigidas a seus pais, de familiares e parentes de Itália, de quem nunca tinham ouvido falar, e respostas nunca enviadas, escritas pela sua mãe em italiano. Ouviu frequentemente a palavra ebreu, palavra italiana para hebreu, nazi e sinagoga. Felix tinha ficado confuso, ouvindo descrições de velhos passaportes com as fotos de seus pais, mas os passaportes tinham um sobrenome que não lhe era familiar: Fubini. Eventualmente, Frances tinha dito o óbvio em

voz alta: os seus pais tinham deixado Itália para escapar aos Nazis durante a guerra, por serem judeus. Porque motivo, teriam ocultado este facto? Eles eram procedentes precisamente desta cidade, de Turim.

À medida que os cientistas começaram a trabalhar à sua volta, des-tapando os seus instrumentos esterilizados, Felix reparou que o seu amigo, padre Bartolo, tinha permanecido na extremidade da mesa. Era um padre simpático e frágil que já deveria estar na cama a descansar. Da parte da manhã, Felix tinha estado a examiná-lo nos seus aposentos e tinha-lhe recomendado que permanecesse lá. Mas Felix sabia que apenas a morte afastaria Bartolo deste momento. As crenças do padre eram simples: Jesus, O Filho de Deus, havia-se deitado sob este Sudário. O olhar de Bartolo estava sempre cravado na verdade da sua luz interior, a não ser que alguma coisa captasse o seu interesse. Então os seus olhos focalizavam e acompanhavam. Presentemente estavam fixos em Felix. Max também vigiava. Era um cientista judeu que Felix tinha escolhido para a equipa, e pelas suas credenciais a Igreja tinha-o rapidamente aprovado. Max vivia em Turim e tinha levado Felix para casa na noite anterior para partilhar a alegria da sua família por ter dado o nome a uma sua filha recém-nascida, numa cerimónia comovente cheia de música, poesia, velas e orações hebraicas.

Felix sentiu-se constrangido sob os seus olhares, como se dois Deuses rivalizassem por ele, através deles. Quem era ele agora, senão um homem para quem a paixão de Cristo tinha sido o símbolo que conduzira a sua vida?

Felix Rossi, de coração dorido, afastou-se da parede com tapeçarias aonde se encontrava. Aproximou-se da mesa de madeira, e preparou-se para olhar para baixo para a imagem do rosto que amava.

## CAPÍTULO . 2

Mesma quarta-feira, de manhã – Nova Iorque

Quando o vento soprou, o chapéu Graham Smith soltou-se da cabeça de Maggie Johnson e voou pelo passeio vazio da Quinta Avenida. Ela sentiu-se capaz de morrer. Tinha-lhe custado seis meses de poupança e mais três de espera, para o ter. Graham Smith fazia chapéus para a realeza, e para as aristocratas usarem nas corridas de Ascot. Ele fazia chapéus para a Rainha. Agora, tinha feito um para Maggie Johnson de Harlem, Nova Iorque. Neste momento, o vento levava-o pela avenida abaixo.

Apesar do espectáculo que sabia que estava a dar, Maggie saltou dos seus sapatos brancos de Inverno, tingidos para condizer com a seda do chapéu. Correu atrás dele como uma estrela cadente, receosa de que voasse para o outro lado da rua e entrasse no Central Park. Felizmente, o chapéu parou sob a abóbada que saía da entrada do edifício do Dr. Rossi para a calçada. A carpete vermelha tinha atrasado o seu percurso. Maggie apanhou-o, deixou cair os seus sapatos, e calçou-os novamente enquanto inspeccionava o chapéu. Parecia em bom estado. Colocou-o cuidadosamente na cabeça, uma mão enluvada segurando na larga aba, a outra colocando as penas de avestruz no lugar.

Sam, o porteiro, surgiu no seu longo casaco verde e chapéu, olhando-a de alto a baixo, com as suas faces coradas de irlandês, mostrando um sorriso ligeiramente trocista. Abriu a pesada porta, puxando pela pega de metal.

–Maggie, minha rapariga– disse com ar de provocação. –com esse lindo chapéu deves estar a caminho das corridas acompanhada pela Rainha. Onde o desencantaste?

Furiosa e embaraçada, por ele provavelmente a ter visto correr pelo passeio abaixo, passou por ele apressada. A sua mão deslizou pelo corrimão de metal enquanto descia as escadas de mármore atapetadas, depois atravessou o átrio até aos elevadores. À sua esquerda estava um velho mural de um qualquer palácio italiano. Mostrava gente rica numa caçada com os seus cães. Na sua frente estavam espelhos do chão ao tecto. Agitando uma mão para se refrescar, ajeitou o seu vestido branco de Inverno e certificou-se de que o chapéu estava direito, lembrando-se de não exagerar por causa das câmaras de segurança. Tinha ouvido dizer que até mesmo os inquilinos se esqueciam, o que motivava risadas dos motoristas das limusinas e dos guardas que se encontravam nas traseiras do edifício. Mas agradava-lhe ver como as penas de avestruz flutuavam sobre o seu cabelo curto à medida que andava, e o branco complementava a sua pele castanho siena. Não cor de café com leite, ou morena, como designavam os livros sempre que se referiam à cor negra. Já tinha comparado a cor do seu braço com a dos relógios de cor da swatch e tinha descoberto o nome da sua cor. Maggie sabia que não era nenhuma beleza, excepto talvez pelos seus olhos. Mas naquele momento, parecia muito mais nova do que os seus trinta e cinco anos. Claro que não se tinha vestido assim para vir aqui. Mas só quando já estava no metro, a caminho da Igreja, é que se lembrara de que não tinha limpo o laboratório do Dr. Rossi. Quando ele não estava só tinha que o fazer à quarta-feira. Mas a semana tinha passado a correr.

–Confessa,– disse Sam, seguindo-a. –Este chapéu vem de Londres, não vem?

Maggie tinha almejado que Sam estivesse na sua hora de descanso e que

ela pudesse entrar, sem ser vista por ninguém que lhe pudesse perguntar onde o tinha comprado, e porquê. Ignorando-o, carregou no botão do elevador, enquanto procurava as chaves na sua bolsa, mas sentindo-se vitoriosa. No que respeitava a chapéus, nada podia superar um Graham Smith. Maggie lia a Vogue, portanto sabia.

Ele esticou o braço e tocou numa das penas e ela lançou-lhe um olhar profundo. Se não tivesse os ombros tão largos, Sam poderia ter sido duplo de alguém num filme. O seu nariz não era direito o suficiente para que ele fosse o actor principal e tinha umas cicatrizes em volta do pescoço, que pareciam decorrer de rixas. Ela achava que ele dava um perfeito lutador de luta livre irlandês. Ele usava o seu cabelo castanho-escuro rapado e espetado em todas as direcções, tal como os miúdos.

Sam falava francês e italiano. Dizia que tinha aprendido quando era jovem e trabalhava na marinha mercante, e Maggie acreditava nele. Já uma vez o tinha escutado casualmente praguejar durante uma tempestade. Era um homem – muito masculino, – que provavelmente deixava as mulheres mais ingénuas, aturdidas com o seu sorriso folgazão.

–Sam Duffy tira essas falanges do meu chapéu!– Disparou Maggie, orgulhosa por se ter lembrado do termo clínico para os dedos. Não se surpreendeu ao divisar os contornos da arma no coldre, por baixo do casaco comprido, considerando os nove inquilinos serem tão imoralmente ricos e cada um deles ocupar um andar inteiro – e dado que John Lennon tinha morrido do outro lado do Parque. Vistas as coisas, Sam não era um porteiro normal. Os inquilinos gostavam de o ter por perto. Ela habitualmente também, mas não agora.

–Pardonne moi, madame,–disse Sam retirando a mão. –Mas tem que ser originário da Inglaterra. Nunca vi nenhum chapéu assim noutra lugar.

–É mesmo desse lugar, Sam, muito obrigada. E eu não quero ouvir nenhuma das tuas larachas. Está bem?

–Eu? Larachas? Perante tal chapeau? Dá uma voltinha. Deixa-me ver melhor. Mas afinal, porque estás tão bem arranjada?

O olhar pasmado de Maggie dirigiu-se até aos candeeiros na abóbada em sinal de irritação. Romanos 5:2-4, dizia “a tribulação trouxe a paciência e a paciência a experiência; e a experiência a esperança.” Sam estava a ajudá-la a aprender a ser paciente, enervando-a. Decidiu ser firme. –Sam, eu não tenho tempo para brincadeiras. Estou com pressa!

Ao ver uma ligeira expressão magoada nos olhos dele, decidiu dizer um pouco mais. –A minha Igreja tem hoje uma celebração importante e eu tenho que lá estar.

Ele pareceu surpreendido. –Já para a Igreja então! Limpa amanhã. Não vai fazer diferença. O Doutor nem sequer está cá e eu não vejo a irmã dele

há uma semana. Além disso, não podes trabalhar vestida dessa maneira. – Ele indagou. – Sabes que tens malhas ao longo das meias?

Maggie suspirou, abriu a carteira e mostrou uma pequena embalagem com umas substitutas.

– Estou a ver, – disse ele.

O elevador soou por trás deles e ela entrou. – Sam, eu sou paga para limpar o laboratório às Quartas-feiras quando ele não está, bem vestida ou não. Se Deus quiser, é na Quarta-feira que vou limpar, – e carregou no botão para o oitavo andar no painel do elevador.

Ele abanou a cabeça como se ela fosse um caso perdido.

Maggie saiu para o átrio em frente à suite do Dr. Rossi. No vão, de cada lado da porta dupla, estavam dois vasos antigos com um padrão em azul e amarelo, que o Dr. Rossi dizia serem de Deruta, na Itália. Deu a volta à fechadura e entrou. Quando ligou o interruptor, a luz iluminou o tecto arqueado do corredor, pinturas suavemente iluminadas, um chão de madeira mole, em forma de parquet e uma elegante carpete Persa. A meio do corredor, num cubículo, estava pendurado um pesado crucifixo do século XVII feito de prata maciça, o mais belo que ela já alguma vez tinha visto. Por baixo e envolvido em veludo vermelho, estava um genuflexório em ébano no qual o Dr. Rossi e a irmã se costumavam ajoelhar e rezar. Maggie sentia sempre que estava num palácio cada vez que passava neste salão. Passou por divisões à sua esquerda e direita e, por julgar ter ouvido um barulho, parou no terraço.

– Olá? Está cá alguém?

Era a única divisão de onde, por vezes, ouvia sons do apartamento do último andar que ficava por cima, e que era ocupado por um tal Sr. Brown.

Não que ela fosse uma coscuvilha, claro. Apenas ficava curiosa, como qualquer outra pessoa ficaria se tivesse visto o que ela já tinha visto ao longo dos anos que lá trabalhava, quando ia à cave a despejar o lixo. Maggie tinha descoberto que se subisse a uma das caixas de metal do equipamento, podia ver por uma fenda na parede entre a zona colectiva das garagens e a dele. Tinha visto não menos do que dois Presidentes dos Estados Unidos – o actual e o anterior – dois árabes de Rolex e trajas típicos, um juiz do Supremo Tribunal, senadores, congressistas, e um indivíduo com aspecto de chinês, a maioria deles de chapéu na mão e sorriso largo, dando apertos de mão de despedida ao saírem do elevador privado do Sr. Brown, entrando para as suas limusinas, e saindo pela garagem particular. Não há fanfarra. Nada na imprensa escrita aparecia sobre as suas visitas a este local. Não lhe parecia justo, ver tanta gente importante a chegar, sempre em segredo e um de cada vez. Já tinha tentado sondar Sam com habilidade, mas no que se referia aos locatários, ele era a própria Esfinge.

Maggie entrou no solário e atravessou um pequeno pátio de entrada

resultante da existência de uma estufa instalada para as flores de Miss Rossi. Ela tinha orquídeas artemisia raras, importadas da Ásia, que estavam a florir numa cor raiada de branco rosado. Maggie passou por elas e dirigiu-se ao canto oposto do solário aonde se encontrava uma mobília em ferro forjado. Dali conseguia ver o apartamento do andar de cima, ou o pouco que se conseguia ver do terraço em tijolo. Retirou o chapéu e fingiu que estava a desfrutar das vistas do verde luxuriante do Central Parque. Maggie ficou excitada quando vislumbrou o topo de um chapéu vermelho. Ou era de uma mulher muito alta, pensou, ou uma daquelas pessoas importantes da Igreja Católica.

Não conseguindo ouvir mais nada, regressou ao salão e dirigiu-se ao laboratório do Dr. Rossi que se encontrava num dos extremos, retirando a chave da sua carteira para abrir a porta metálica.

Já lá dentro, colocou o chapéu numa longa mesa situada por baixo de uma réplica do Sudário de Turim. O Dr. Rossi tinha-o comprado quando, com dezassete anos, se tinha deslocado a Roma como peregrino. Frances tinha dito que estivera na Scala Santa, os vinte e oito degraus de mármore de Tiro retirados do quartel-general de Pôncio Pilatos na Palestina. Jesus deve-os ter percorrido no dia em que foi condenado. O Dr. Rossi tinha-os subido de joelhos, assim como os outros crentes, parando em cada um para dizer uma oração específica. Nessa altura, tinha trazido com ele esta cópia do Sudário e tinha dito ao seu pai que queria ir para padre. Mas o seu pai nem o quis ouvir. Tinham discutido durante dias seguidos enquanto a sua mãe e Frances choravam. No fim, o pai saiu triunfante. Mas o Dr. Rossi tinha mandado pendurar o Sudário e daí em diante tinha vivido como um padre.

Para Maggie, parecia indecoroso exibir daquela maneira o corpo de Jesus despedaçado, mas limitou-se a murmurar –Desculpai-nos Senhor,– como o fazia sempre quando olhava para cima. Descalçou as luvas brancas e vestiu a bata branca de manga comprida que usava para limpar o laboratório. Como precaução pôs umas luvas de látex. A única coisa que precisava de fazer era limpar o pó. Na ausência dele, não haveria líquido derramado ou tubos de ensaio partidos, nem resíduos biológicos.

Com rapidez, limpou as superfícies pretas já familiares: as frentes dos armários de vidro e prateleiras de aço inoxidável, o frigorífico branco do laboratório, os microscópios reluzentes de vários géneros, as suas balanças e aparelhos de medição, pilhas de tubos de ensaio – tudo do melhor e mais recente para as suas pesquisas. Conhecia quase todo o material que ele usava, pois o seu primeiro trabalho em Nova Iorque tinha sido no Hospital de Harlem. No princípio, ele tinha tido um laboratório no Monte Sinai, mas quando lhe foi recusado mais espaço para um projecto controverso, abandonou esse e instalou um, mesmo aqui no edifício. O seu advogado deve ter untado muitas mãos, para conseguir as autorizações. Devia ter pago uma

importância desmesurada para ter conseguido transferir o velho consultório do pai para aquele local.

Estava a limpar o pó à secretária quando um diário caiu. Ressaltou no chão e fez um estalido ao abrir-se, como se estivesse fechado. Baixou-se para o apanhar e ficou espantada quando viu o seu nome escrito entre o que parecia ser uma lista. Maggie aproximou a folha, e depois fechou o livro bruscamente.

–Olhem para mim a bisbilhotar,– disse em voz alta.

A palavra Diário estava escrita na capa. Já tinha visto aquele diário no laboratório, ou outros iguais a aquele, de tempos a tempos.

Maggie pousou-o e acabou de limpar o pó. Viu as horas, deu uma olhadela ao seu chapéu Graham Smith, e sentou-se à secretária.

–Perdoai-me, Senhor, pelo que vou fazer.– disse ela.

Abriu o diário na página com o seu nome e leu:

9. Prescindir da Maggie antes de prosseguir.

## CAPÍTULO . 3

Turim, Itália

Esta imagem no pano, vista ao longo de séculos por milhões de pessoas, nunca deixou de emocionar Felix. A primeira fotografia de 1898, revelava em negativo, um retrato natural. A imagem conseguia ser distinguida mesmo a olho nu. A opinião médica concordava que: o pano de catorze pés tinha outrora envolvido um cadáver. Dobrado transversalmente a meio, o pano tinha sido disposto de maneira a cobrir a cabeça do cadáver e a outra metade a cobrir as costas. A metade que Felix contemplava tinha coberto a parte da frente. Um homem tinha morrido e tinha sido envolvido nele, rodeado por plantas e flores, a sua imagem tão nítida como a dele.

Tinha morrido no primeiro século da crucificação romana, ou às mãos de um assassino que teve como intenção simulá-lo, e daí produzir uma relíquia fraudulenta. Como é que um falsificador medieval teria sabido contrariar os conhecimentos do seu tempo acerca da crucificação - ao colocar as chagas feitas pelos pregos no pulso, e não na palma da mão? - isso não tinha ainda sido explicado por aqueles que acreditavam que o Sudário era uma falsificação.

Só recentemente é que arqueólogos tinham ficado a saber que a crucificação pelo pregar dos pulsos era uma prática Romana.

Cada vez que alguma informação científica era fornecida, surgia controvérsia. Mas os crentes não vacilavam e Felix também não. O seu intelecto mantinha-se objectivo por causa do seu trabalho, mas os seus sentimentos não.

Como podia ser?

Aqui tinha estado deitado um homem medindo aproximadamente um metro e oitenta, com longos cabelos a cair sobre os ombros. Usava barba bifurcada, bigode, e tinha um rabicho atrás. Pesava aproximadamente setenta e seis quilos. O seu corpo estava bem nutrido e não tinha quaisquer anormalidades excepto as que lhe tinham sido infligidas antes de morrer.

Felix conhecia cada uma delas de cor.

Uma lesão na testa que lhe tinha causado sangramento, uma forte mancha visível no lado esquerdo da magra face semítica. Múltiplas manchas de sangue no cabelo irrompendo do escalpe, outra mancha escorrendo para a sobrancelha e orelha direita, outras estendendo-se para trás do escalpe cobrindo a área occipital. A pálpebra direita rasgada e a face inchada, como se tivesse levado uma pancada de moca. Estriamentos na face esquerda, como os cortes feitos por uma queda de cabeça. O osso do nariz desalinhado, como se tivesse sido partido. Escorrências de sangue pelo rosto abaixo, formando coágulos na pálpebra esquerda, na narina esquerda, e nos lábios de cima e de baixo. Os coágulos tinham uma aparência normal, córpúsculos vermelhos concentrados nas pontas e dentro de uma pequena e clara zona sérica. No ombro direito uma área enorme com a pele arrancada. Contusões múltiplas em ambos os joelhos, múltiplos cortes numa rótula devido a tropeções consecutivos. O pulso esquerdo posicionado sobre o direito, apresentava uma ferida grande que terá danificado ramificações do nervo mediano, provocando causalgia – a dor mais profunda que se pode sentir. Devido a estes ferimentos, marcas de escorrimentos horizontais pelos braços abaixo. Na parte de trás, uma marca ensanguentada de uma perfuração no pé direito e uma marca menos escura no pé esquerdo, feita no peito do pé. Por baixo de todos estes ferimentos, pela frente e por trás, desde os ombros à barriga das pernas, pequenas marcas em forma de haltere provocadas por açoitamento, estas marcas indicando o uso, em simultâneo, de dois chicotes guarnecidos com várias correias. Talvez umas 120 chicotadas. Possivelmente mais. Entre a quinta e a sexta costela, uma perfuração ovóide do lado direito do tórax, acompanhada por um fluxo de sangue descendente até ao fundo das costas. Esta última poderia ter sido fatal se tivesse acontecido quando o homem ainda estava vivo.

A morte ocorreu quando os braços estavam esticados como era evidente pelo fluir do sangue. O rigor mortis gelou os pés naquela posição e enrijeceu o



corpo, o que significava que o corpo tinha sido baixado entre quatro a vinte e quatro horas após a morte. A opinião médica diferia quanto às luxações no ombro e cotovelo esquerdos. A dúvida residia em se estas tinham ou não sido infligidas quando, quem quer que o enrolara, lhe teria ou não partido os braços para que as mãos pudessem ser dobradas sobre a bacia.

Só a teimosia poderia manter um observador de não ver a realidade. O registo do sofrimento de um ser vivente. Como a imagem tridimensional tinha sido impressa no pano, ninguém sabia. Uns diziam que por uma lenta acção bacteriana do sangue e fluidos venosos. Outros diziam que por energias associadas à ressurreição. Para Felix, o como, era menos importante do que o facto da sua existência – o seu pólen e plantas de Jerusalém, a sua perfeição anatómica e os joelhos arqueados para além do conhecimento ou mestria dos artistas desse tempo.

Felix estremeceu perante a imagem. Por um momento pensou que ia ter um acesso de choro. Quem poderia ser senão o Senhor? Quem senão Jesus? Os romanos tinham crucificado muita gente, mas tinham todas as vítimas usado uma coroa de espinhos? Tinha uma lança trespassado o seu tórax no lado direito conforme mencionado na Bíblia? Desde os tempos de infância, que Felix desejava vivamente desfazer este crime – embora a vítima o fosse por vontade própria – para purificar o seu bem-aventurado sangue, para a salvação deste cordeiro levado do Templo para a matança. Tinha nove anos, quando viu pela primeira vez esta face, e desde então que sofria para desfazer este crime.

Sentiu uma mão no seu ombro e olhou para cima. Era o padre Bartolo. Olhando para dentro dos olhos do velho padre, cheios de compaixão, Felix soube o que ele tinha estado a sentir – algo de que ele se tinha sentido incapaz, algo que ele sabia ser pecado – ele que praticava a tolerância. Eram os restos de ódios absorvidos há muito tempo, durante a escola de Domingo, onde ensinavam às crianças cristãs que os judeus é que tinham assassinado Cristo. Ele sabia mais do que isso, como qualquer católico o sabia. O Vaticano II determinara, em 1965: “O que aconteceu na sua paixão não pode ser atribuído sem distinção, a todos os judeus que então viviam, nem aos judeus de hoje.” A moderna escola bíblica tinha ido mais longe e tinha reprovado qualquer base de culpabilidade. No entanto, aqui estava aquele sentimento – com o qual não queria estar relacionado. Este sentimento confundia-o e envergonhava-o. Desesperadamente tentou pô-lo de lado. Porque tinham os seus pais mentido? Como limpar a culpa redobrada que sentia por ser judeu e por se sentir envergonhado disso?

–Siete malato Dottor Rossi?– perguntou Bartolo.

Uma certeza surgiu. Como Judeu tinha uma razão ainda mais forte para levar o seu plano por diante.

–No padre sto bene.

Tinha que dominar a sua nova identidade e realizar o que tinha sonhado e para o qual se tinha preparado – repetindo para si próprio, a cada passo, que nunca na realidade o levaria avante por ser irrealista, blasfemo. Tinha projectado protocolos e praticado continuamente no seu laboratório simplesmente pelo desafio. Tinha tentado conseguir estar aqui, simplesmente para observar e analisar o Sudário. Tinha mantido a sua participação fora do conhecimento da imprensa, simplesmente para proteger a sua carreira. A ciência do Sudário era para alguns uma ciência estranha.

Agora sentia-se compelido a realizar o seu sonho – como se Deus, Ele próprio, tivesse aberto a caixa em Nova Iorque e revelado as cartas que Frances lhe leu.

Se levasse o seu plano até ao fim, poderia deixar Turim amanhã, em vez de esperar mais uma semana. Podia dar a desculpa da morte de um familiar, entregar a investigação ao seu substituto, apanhar o limitado e exorbitantemente caro Concorde de Paris para Nova Iorque, e estar na manhã seguinte com Frances.

A sua agitação aumentava com as possibilidades. Receoso da descoberta e igualmente temeroso do sucesso, Felix baixou a cabeça para evitar o olhar fixo de Bartolo e começou o seu trabalho. Parou quando as irmãs Clarissas chegaram ao local aonde se encontrava, para descoserem o forro do Sudário, conhecido como o Pano de Holanda. Então, ele e o padre Bartolo desdobraram o Sudário no seu comprimento. Enquanto outros trabalhavam à sua volta, Felix posicionou o seu microscópio cuidadosamente em vários locais, a sua respiração mais pesada do que normalmente, as palmas das suas mãos suavam por baixo das luvas cirúrgicas. O microscópio tinha uma particularidade que ninguém naquela sala dourada, além dele próprio, tinha conhecimento. Ele tinha-o concebido com este dia em mente – dizendo para consigo próprio que nunca o iria usar.

Felix esperou pelo momento que tinha imaginado mil vezes, pensando se alguma vez o iria efectivamente realizar. A sua oportunidade surgiu quando o padre Bartolo se afastou da mesa para se sentar.

Olhando pelo óculo, Felix colocou o microscópio sobre a maior mancha de sangue: a que tinha escorrido quando o soldado romano usara a sua lança para lhe perfurar o tórax. Ajustou a ampliação até que os fios manchados de sangue sobressaíram.

Felix puxou uma alavanca. O seu coração batia aceleradamente. Uma lâmina muito fina, com um gancho na ponta apareceu. Conteve a respiração. Cortou dois dos fios mais grossos, depois deslocou três centímetros e voltou a cortar. Levantou a cabeça, limpou os olhos à manga da camisa, e viu que o padre Bartolo falava com um dos outros padres. Felix debruçou-se sobre o

microscópio. Quando a lâmina recolheu, os pedaços de fio vieram juntamente, transportando centenas de células sanguíneas as quais, Felix tinha a certeza, continham o ADN do Filho de Deus.

Ansiosamente, levantou o precioso fruto do seu roubo.

Os judeus não tinham morto Cristo.

Mas, se Deus quisesse, um judeu trá-lo-ia de volta ao mundo.

## CAPÍTULO . 4

Quinta Avenida, Nova Iorque

Três vezes leu Maggie a linha que dizia que o Dr. Rossi planeava dispensá-la. Dispensá-la para quê? Ele não podia querer dizer que a ia despedir.

Sentiu que estas palavras lhe tinham arrancado o coração.

Durante cinco anos, o Dr. Rossi tinha mostrado, ou pretendido mostrar, preocupação genuína por ela. No princípio, tinha feito a limpeza ao seu laboratório em part-time; mais tarde, os Rossi tinham-na contratado a tempo inteiro para tomar conta de toda a casa. Ultimamente, devido às aulas que ele lhe tinha arranjado para que ela pudesse progredir na vida, tinha voltado a ter apenas o laboratório e alguns outros trabalhos soltos noutros locais. Como a podia ele dispensar, sabendo que ela ainda dependia dele?

–Maggie, estás aí?

Era a irmã do Dr. Rossi, Frances. Antes de Maggie ter conseguido pousar o diário, já Frances estava no Laboratório, os seus olhos ,ligeiramente inchados, como se tivesse estado a chorar ou não tivesse dormido.

Frances olhou fixamente para o diário nas mãos de Maggie.

–Isso é teu– disse ela de uma maneira exageradamente delicada –ou pertence ao Dr. Rossi?

Envergonhada, Maggie pousou-o na secretária. –É do Dr. Rossi, mas...

–E tu estavas a lê-lo?

Frances especialmente quando não gostava do que via, fazia uma cara extremamente fechada, o que ainda se tornava mais visível quando trazia o seu cabelo castanho liso puxado para trás, como era o caso nesta altura. Ela vestia um chique e elegante conjunto Doncaster. Não que Maggie tivesse o hábito de mexerica nos seus armários. Mas neste momento, parecia estar elegantemente escandalizada.

–Não era minha intenção lê-lo. Ele abriu-se. Eu vi o meu nome...–

Maggie levantou-se da secretária nervosa –Miss Rossi, porque é que ele me vai dispensar? O que foi que eu fiz?

O olhar cortante de espanto de Frances caiu sobre o diário. –Despedir-te?– dirigiu-se à secretária e pegou no diário. –Isso é ridículo, diz-me aonde é que o leste?

Maggie posicionou-se ao seu lado folheando as páginas e, por fim, quando encontrou apontou-lhe.

–Aqui. Vê? Diz: “Prescindir da Maggie antes de prosseguir”.

Frances sentou-se, estudou a página, e riu-se secamente. –Projecto do Genoma Humano? Transferência de clonagem de células nucleares? Oh, Flix – disse ela, usando o diminutivo que usava para o irmão –Em que é que estás a devanear desta vez?– fechou o livro – Ele não tenciona dispensar-te. Tem feito isto a vida inteira.

–Feito o quê?

Frances olhou para cima. –Ele está sempre absorvido com assuntos pouco vulgares: desafios, projectos impossíveis.– Ela ia batendo com a ponta dos dedos no diário. –Por vezes concretiza-os, mas na maioria das vezes, não. É uma obsessão enquanto dura, mas é apenas um jogo mental. Ele faz listas. Esta é sobre clonagem.

–Clonagem, clonar quem?

–Ninguém, está claro.

–Refere-se a clonar uma pessoa?

–Apenas teoricamente, Maggie.

Maggie deitou o olho para o diário que se encontrava por baixo da mão de Frances. –Mas não podemos ver para ter a certeza?

Frances franziu as sobrancelhas. –Está claro que não!– Depois bateu levemente na mão de Maggie. –Os homens brilhantes, são por vezes, um pouco estranhos. É apenas algo que o intriga. Eu posso mostrar-te centenas de listas como esta, com assuntos que ele nunca concretizou nem nunca remotamente teve intenção de realizar. Ele gosta de tentar realizar o impossível mentalmente, apenas isso.

–Mas porque terá ele que me despedir?

Frances olhou para Maggie com ar severo. –Talvez porque a clonagem é controversa e ele pensou que tu lhe lerias o diário.

Na verdade, Maggie estava muito interessada em o fazer: ler mais para ver se Frances tinha razão. Se ia precisar de senhas de refeição, queria saber.

Frances olhou para cima para a réplica do Sudário, e moveu o pescoço como se tivesse sido esvaziada de energia.

Maggie notou novamente os olhos dela inchados. –Miss Rossi, o que se passa?

–Nada. Bem...– Frances olhou na direcção da porta. –Eu e a Adeline

temos estado em casa da minha tia Enea. Maggie, ela faleceu ontem à noite.

Pela primeira vez desde que Maggie a conhecia, pareceu-lhe que Frances ia começar a chorar. Impulsivamente, Maggie inclinou-se e abraçou-a, dando-lhe palmadas nos ombros. Frances e o Dr. Rossi eram dois nova-iorquinos maduros, solteiros e ricos, a quem o dinheiro não deixava envelhecer – com a exceção de ele estar muito longe de ser um playboy, e de para ela a família significar tudo. Ela tinha estado com a tia Enea, três a quatro noites por semana. Os namorados periódicos que mantinham Frances até altas horas da noite em festas, não teriam grandes oportunidades com ela, a não ser que o Dr. Rossi casasse. Maggie sabia que ela nunca deixaria o seu irmão viver sozinho.

–Posso ajudar nalguma coisa? Qualquer coisa que seja?

Francis endireitou-se. –Não, nada. Eu sempre soube que após a sua morte eu e Flix ficaríamos sozinhos e tu sabes quanto eu o temi – não ter qualquer família a não ser nós os dois.

Maggie sabia quanto ela estava transtornada, ao apelidar o Dr. Rossi de Flix em frente dela.

–Hoje tivemos uma surpresa fantástica, mas eu penso que o Dr. Rossi...

–Não me diga que encontrou familiares?

Frances parecia um pouco excitada. –Sim, eu acho que sim, mas... bem. Ele está perturbado.

–Porquê? Eles são criminosos ou algo parecido?

–Não, tenho a certeza de que não são, mas...

–Então isso é ótimo, Miss Rossi.

Frances levantou-se. –Veremos. Não aludas ao que eu te disse. Eu e ele temos que falar. Apenas dei aqui uma saltada para pôr algo no cofre. – Ouviram um barulho no salão e Frances disse: –Adeline, estamos aqui.

Maggie estava a olhar fixamente para o diário. Ela deixou-se ruborizar quando Frances lhe pegou e lhe acenou com ele.

–Acho melhor pôr isto no cofre também. Não tens vergonha Maggie!

Adeline apareceu à porta, sorrindo e acenando satisfeita para Maggie. Era amiga de Frances desde o colégio Sarah Lawrence. Ela, Frances e o Dr. Rossi formavam um trio desde os tempos de escola. Mas o Dr. Rossi só tinha começado a namorar Adeline há cerca de um ano, como se de repente uma venda tivesse caído dos seus olhos. Se as coisas continuassem bem entre eles, Frances poderia apaixonar-se e ter vida própria.

Maggie ainda congeminava porque é que o Dr. Rossi tinha levado tanto tempo a reparar em Adeline. Ela era a mulher mais bonita que Maggie alguma vez tinha visto. Tinha uma aparência frágil, como se nunca tivesse tido qualquer gordura a mais no seu corpo, nem nunca viesse a ter. Com um cabelo louro natural, as maçãs do rosto eram grandes, uns olhos cor de cinza imensos. Maggie tinha-se preparado para não gostar de Adeline quando se

conheceram, mas algo no espírito de Adeline fazia com que gostassem dela de imediato. Todos gostavam de estar à sua volta.

Ela entrou, para obter um abraço. –Maggie, há semanas que não te vejo. Como tens passado?

Maggie abraçou-a. –Bem, e a menina?

Adeline segurava-a de braços estendidos. –Ótima! Mas diz-me,– perguntou, com um olhar malandro nos seus olhos ao mesmo tempo que olhava para o chapéu pousado sobre a mesa como uma ave –Pertence-te? Onde foste desencantá-lo?

Maggie sentiu-se mal. Porque tinha ela comentado sobre chapéus com metade da população da Quinta Avenida? Neste momento, estava arrependida de o ter feito e desejava especialmente que não tivessem visto este.

–Sim, é meu.

Adeline abanou a cabeça em direcção ao chapéu. –Que lindo Maggie! Põe-o para nós vermos, por favor!

Maggie achou que Adeline estava a tentar animar Frances. Não podia recusá-lo e quando pôs o chapéu, viu a satisfação no rosto de Adeline, as duas davam pequenas risadas como meninas de escola.

–É divino, sabes, mesmo divino.– disse Adeline

–É melhor que seja– proferiu Maggie abruptamente. –É um Graham Smith.

Maggie viu-as trocar um olhar de surpresa. Ela tinha cometido um grande erro.

Frances aproximou-se. –Um Graham Smith? Que fino! Maggie, sobretudo um Graham Smith. Compraste-o? Para que fim?

Por instantes, Maggie desejou ser mentirosa. –Lembram-se da Sharmina?

–A tua amiga da igreja?

–Sim, bem.– Maggie contou a história. –Eu e Sharmina temos vindo a ter uma guerra de chapéus nos últimos quinze anos e ela tem-se vindo a gabar perante toda a congregação sobre um chapéu novo que encomendou. Temos um convidado especial como orador que chega hoje da Califórnia e cuja mulher tem uma loja de chapéus muito fina. Estão a ver? A igreja está a promover o maior concurso de chapéus que já teve e ela é que vai ser a juíza, e a Sharmina diz que vai ganhar...– fez uma pausa, sentindo-se ridícula.

Frances tirou o chapéu da cabeça de Maggie pô-lo na sua própria cabeça por um momento e pavoneou-se com ele fazendo palhaçadas. –Não estejas preocupada Maggie, hoje a Sharmina não vai ganhar nada.– E dirigiu-se a Adeline para lhe por o chapéu.

Maggie por dentro sentiu-se engrandecer.

–Não Frances– disse Adeline. Mas Frances já o estava a colocar na

cabeça de Adeline.

–Aí, que chapéu! Vira-te Adeline, deixa-nos ver.

Enquanto Adeline se virava Maggie deixou de respirar. Ela tinha comprado e pago pelo chapéu, tinha o recibo como prova de que era sua pertença, mas ele tinha sido feito para Adeline.

Adeline retirou-o e voltou a pô-lo em Maggie, olhando-a nos olhos. Maggie sentiu algo que se podia chamar de afinidade se fossem mais parecidas. –Hoje a vitória será tua– disse Adeline afastando-se de volta ao salão.

Frances pegou nas mãos de Maggie, que ainda estava surpresa mas vibrando de emoção, –Quando a Sharmina te vir a usar este chapéu, vai desmaiar, digo-te eu. Desmaiar!

Como Maggie não respondeu, Frances olhou para a cara dela. –Está bem, diz-me a verdade...

–Eu digo sempre a verdade, Miss Rossi.

–Bem...– Frances apertou os lábios e levantou a sobrancelhas, olhando para o chapéu.

Maggie sentiu-se tão embaraçada que não conseguia falar. Frances era considerada uma mãos largas pelos seus: as suas orquídeas, o seu Jaguar Tipo-S, o seu garanhão preto Andaluz chamado King. Mas em tudo o resto ela tentava ser parcimoniosa, dizendo que se recusava a gastar somas astronómicas em qualquer coisa. O que pensaria ela da extravagância de Maggie?

Frances tocou-lhe na mão e fez uma interjeição de censura.

–Diz-me se estou longe do assunto, mas gostarias de voltar a trabalhar aqui todos os dias novamente?

Maggie pensou nos guisados de atum que andava a comer há seis meses.

–Está bem,– disse calmamente, –mas o Dr. Rossi já me paga como se eu estivesse a fazê-lo.

–Isso é apenas por trabalhos leves no laboratório. Farias o resto novamente também?

–Sim, com certeza.

–Ótimo. Farei com que ele te pague mais. Faz um resumo das horas da tua escola de auxiliar de enfermagem e informa-me amanhã. Podes começar imediatamente. –Frances encaminhou-se para a porta. –Diverte-te hoje, Maggie. Mereces. E amanhã contas-me tudo.

–Vai sair?

–Sim – Frances parou à porta. –Eu e a Adeline vamos para a casa mortuária, depois pensei em seguir para Landing e passar a noite na cabana. Quero sair da cidade por uma noite.

Maggie acenou com a cabeça. Os Rossi chamavam à residência que possuíam do outro lado do rio Hudson, em Cliffs Landing, a cabana, mas na realidade era duas ou três vezes maior do que os lares de muitas famílias.

Quando Frances saiu, Maggie ficou por um longo período a olhar para a porta que se tinha fechado. Depois dirigiu-se à sala de estudo do Dr. Rossi, tirou as luvas de látex e a bata de laboratório. Enrolou as suas meias rotas para baixo, preparou um par novo, e calçou-as pelas pernas acima, pernas que eram mais finas e ancas que eram mais largas do que ela gostaria, retirou o seu estojo de pó compacto e num ritual que não era deliberado, refrescou a pouca pintura que estava a usar: um toque de compacto ao longo do centro do nariz para afastar a atenção das suas largas narinas; um truque similar na boca um pouco generosa, usando um batom brilhante de cor castanha nas bordas e um pouco de cor da parte de dentro. Limpar, esfregar, limpar e estava pronta. Nos olhos não pôs nada – um castanho médio com laivos cor de azeitona – agradecendo por Deus lhe ter feito aquela dádiva.

Esperou para sair até ter a certeza de que Frances e Adeline já se tinham ido embora, então, foi apagando as luzes enquanto caminhava ao longo do corredor sumptuoso dos Rossi, passou pela sala de estar aonde se encontrava o cofre e o diário que ela não conseguiu ler para descobrir se ia ser dispensada. Fechou a porta da frente e carregou no botão do elevador.

Levou mais tempo a chegar do que era habitual.

Quando as portas se abriram, ela apercebeu-se do motivo. Apenas por uns instantes e pela primeira vez, Maggie estava cara a cara com o Sr. Brown, cujo elevador particular devia ter explodido ou algo parecido para ele estar a usar o deles. Ele era o homem que vivia no apartamento do último andar, lá no topo, e que nunca descia à sua garagem particular para cumprimentar os seus convidados VIP, pois Maggie já lhe teria dado uma boa mirada antes. As poucas vezes que tinha conseguido vê-lo de relance, ele usava um largo fedora o que impedia de se lhe ver a cara.

Tê-lo ao alcance da vista paralisou-a. A sua cabeça era desproporcionada, dando a impressão de um ídolo em vez de um homem – cabelo grosso à volta da cara como uma aura de platina, sobressaindo um nariz comprido e um queixo voluntarioso. Tinha mãos largas cinzeladas com polegares proeminentes sugerindo um agarrar firme. Usava roupas que de um simples olhar revelava não haver nada mais caro.

O seu mordomo tinha-se posicionado de maneira a tapar-lhe as vistas, logo após as portas terem começado a abrir. Mas Maggie tinha vislumbrado o suficiente para chegar a três conclusões: tinha facilidade em se lembrar de fisionomias, e nunca tinha visto a cara dele na Vogue ou Town & Country ou W ou em qualquer jornal. O seu nome não devia nem ser nada de tão vulgar como Brown. Mas fosse qual fosse o seu nome verdadeiro, ele claramente menosprezava toda a gente e, naquele momento, a ela em especial.

–Espere. Por favor– ordenou o mordomo friamente carregando no botão.



O pedido irritou-a, mas ela acenou com a cabeça, olhando por trás dele para o que conseguia vislumbrar do Sr. Brown. Quando as portas se fecharam, chegou à conclusão que tinha estado a suspender a respiração. Momentos mais tarde o elevador voltou, ela entrou evitando olhar para o seu reflexo nos espelhos. Tinha reparado na sua rusticidade ao ver Adeline com o seu chapéu Graham Smith. Quando Frances a lembrou de que o chapéu era caro demais para ela, sentiu-se humilhada por ter sido apanhada a viver acima do seu nível. E agora, a sua insignificância confirmada no olhar do Sr. Brown.

Maggie tapou os olhos, para evitar que Sam, o porteiro, reparasse que tinha estado a chorar.

## CAPÍTULO . 5

Quinta-feira de manhã

Felix achou o Concorde lento na preparação para a aterragem no aeroporto JFK. Tinha feito uma reserva já tarde e só tinha conseguido um lugar atrás, em vez da parte da frente mais calma do avião. Brevemente os passageiros sentiriam um estremecimento quando o Concorde aterrasse como um cisne desastrado – nariz para cima, asas estendidas contra o vento para parar o seu voo solitário, e pés com rodas para tocar o solo que se aproximava. No entanto ele preferia as aterragens às descolagens – subir dois mil pés por minuto a uma velocidade de cento e oitenta nós, pregava-os aos pequenos assentos como aos astronautas nos foguetões. Depois, o ruído surdo e prolongado quando os dispositivos de pós-combustão se ignizavam para os propulsores para Mach 1, depois para Mach 2, para o alto, por cima das nuvens para o espaço escuro, espaço purpúreo, a curvatura da terra visível pelas janelas.

Para seu alívio, ainda não tinha reconhecido até ao momento ninguém neste voo. Os utilizadores do Concorde eram um clube relativamente pequeno: aqueles que não só tinham os nove mil dólares para o bilhete, mas também tinham pressa ou queriam atravessar os céus como deuses. Felix, normalmente não se encontrava em nenhuma destas categorias.

Tentou ler, mas os seus olhos caíam constantemente sobre a pasta que tinha trazido para a cabine, para que os pedaços de fio não fossem sujeitos a temperaturas extremas. Também tinha tentado dormir, mas quando fechava os olhos tinha uma visão que o transtornava – um rapaz num yarmulke

corria, chorando, através do Central Park enquanto um grupo de rapazes o perseguiram, gritando, –judeu, judeu, mostra-nos os teus cornos!– Essa imagem tinha-o perseguido durante toda a vida, mas nunca tinha tido a coragem de perguntar se ela era real. Teria acontecido? Era ele o perseguido ou o perseguidor? Agora Enea tinha morrido e ela era a última pessoa que talvez o pudesse elucidar.

Pegou no impresso de declaração de direitos alfandegários, ainda em branco, em profundo conflito. Nos seus devaneios, não tinha admitido esta situação. A honestidade obrigava a que escrevesse: dois pedaços de fio enso-pados de sangue seco do Sudário de Turim. No entanto, isto resultaria na sua prisão imediata. Importar objectos culturais roubados era um crime federal.

Quando, no hotel, retirou os dois pedaços de fio do seu microscópio e os selou numa caixa de cultura esterilizada, pensou que já podia estar descansado. Só nesta altura se lembrou da alfândega. Sabia que o risco dos passageiros do Concorde serem revistados era remoto. O que o impresso alfandegário fazia era lembrá-lo de que estava a pecar. Mal queria acreditar que, na realidade, tinha roubado pedaços de fio do Sudário e, no entanto, embora minimamente, tinha estragado o que sabia ser o maior tesouro da Cristandade.

O impresso tremia nas suas mãos enquanto o nariz do avião se levantou num ângulo elevado e os motores roncavam na descida. As vistas que tinha através da minúscula janela estavam encobertas pelas asas delta, mas sentiu as rodas tocarem no chão – três horas e quarenta e cinco minutos após a descolagem. Quase simultaneamente o nariz afundou, deixando o seu estômago em apuros. Considerando bem as coisas, a primeira classe de um Boeing 747 batia o Concorde aos pontos na sua opinião.

Enquanto o avião rolava para uma das mangas, preencheu o impresso com o seu nome, número de passaporte, e a sua morada da Quinta Avenida. Depois, vendo que não tinha outra opção senão mentir, marcou o quadrado que mencionava Nada a Declarar, sentindo uma vergonha profunda.

Alguns minutos depois do avião ter aterrado, quase todos os passageiros tinham desembarcado. Felix teve que se inclinar pois o lustroso tecto do avião era baixo demais para quem tivesse mais do que um metro e oitenta de altura. Com a sua habitual atenção, o pessoal de bordo da Air France devolvia os casacos e chapéus que tinham sido verificados na sala do Concorde em Paris. Na sala de imigração, Felix e outros passageiros frequentes em voos transatlânticos, contornaram as linhas e dirigiram-se às máquinas azuis do INSPASS. Inseriu o seu Cartão de Identificação e colocou sua mão no leitor para a identificação da palma.

Quando chegou à área alfandegária, as malas já estavam a sair do avião. Retirou a sua bagagem, assim como o fizeram os outros noventa e nove passageiros. Aproximou-se do funcionário da alfândega que tinha um

ar extremamente amigável, e que estava a insistir com um homem de cabelos brancos, que usava um fato feito manualmente por Kiton de Nápoles, para que abrisse a sua bagagem Seeger de pele de carneiro para ele inspecionar. Não importava que aquela bagagem tivesse custado três mil dólares. Felix sabia-o porque tinha um conjunto similar e meia dúzia de fatos Kiton.

Estava a pensar mudar de fila quando o funcionário olhou para ele e cruzaram o olhar. Felix sorriu e não se mexeu enquanto o suor lhe começava a humedecer a camisa de seda por baixo dos braços. Aparentemente, enquanto ele e o homem com a bagagem Seeger estavam encolhidos nos assentos do Concorde, os escritórios da alfândega do JFK tinham enlouquecido completamente e tinham decidido examinar os ricos.

Olhou à sua volta preocupado e viu uma cara ligeiramente familiar, o que o tranquilizou. Enquanto tentava lembrar-se – queixo comprido, boca fina, e cabelo ondulado, cor de bronze – o homem abandonou a fila onde se encontrava e dirigiu-se a ele.

–É o Dr. Rossi, não é?– disse, estendendo a mão.

–Sou,– disse Felix estendendo a sua, tentando recordar-se de onde conhecia o homem. Estaria perto dos trinta e muitos anos e tinha uma pronúncia inglesa.

–Jerome Newton do jornal The Times?

–Certo– disse Felix lembrando-se. Newton era um dos poucos aristocratas ingleses que trabalhava. Ele era especialista em pegar num assunto dando destaque a pessoas de renome. Já tinha escrito um artigo em que mencionava Felix e se intitulava Os Novos Geneticistas. Tinha também escrito outro em meados dos anos oitenta sobre Cientistas do Sudário. O nervosismo de Felix aumentou.

–É bom vê-lo de novo– conseguiu dizer Felix, tentando manter um olho no que se estava a passar com o homem de cabelos brancos.

–Um prazer, deveras. De volta a casa então?– perguntou Newton.

Felix forçou um sorriso. –Sim, estou. E você?

–Venho sobretudo para assistir à Feira de Arte & Antiguidades em Palm Beach.

–Vai decorrer novamente?– Felix tinha assistido à primeira e tinha ficado admirado com a variedade de objectos que apareceram para venda num único local. Tinha sido lá que ele tinha comprado o crucifixo de prata que estava dependurado sobre o genuflexório no salão.

–Sim. Extraordinário que eles tenham atraído os principais negociantes mundiais pelo terceiro ano consecutivo. Vou escrever sobre outro grupo: Os Negociantes de Arte de Palm Beach. Pensei em me perder por Nova Iorque por quinze dias.

Newton estava a fixar flagrantemente o impresso da declaração alfân-

degária que Felix se tinha esquecido que tinha na mão.

–Esteve em Turim?– perguntou Newton.

Felix baixou a mão que segurava o impresso que o tinha atraído e tentou soar descontraído. –Sim. Uma cidade lindíssima. – Sem constrangimentos Newton perguntou –Você, por acaso, não esteve na Duomo, esteve?

–Na Duomo?

–Penso que tem algo a ver com o Sudário, mas a imprensa regular não teve acesso.

Felix engoliu em seco, lembrando-se de que não havia motivo nenhum para Newton suspeitar dele. Publicamente Felix nunca tinha estado associado a qualquer trabalho relativo ao Sudário. –Isso é verdade?

–Algo se passa lá, aposto. Liguei para dois cientistas do Sudário para fazer actualizações de rotina e, para meu espanto, estão ambos em Turim durante toda a semana e incontactáveis.

–Duvido que desse alguma notícia de interesse. Sobre o Sudário nada muda. Os crentes acreditam; os cépticos não. Os cientistas argumentam “factos”.

Jerome soltou um riso abafado e olhou pasmado para o princípio da fila. –Olhe para aquilo.

O funcionário alfandegário tinha esvaziado a primeira mala do homem de cabelos brancos e estava a começar com a segunda. Felix sentiu simpatia pelo homem que conseguia manter a dignidade enquanto as suas cuecas dobradas estavam a ser expostas.

–Você acha que eles têm intenção de nos revistar a todos? Deve ter a ver com aquele roubo de arte em Paris ontem,– disse Newton. –Espero que as minhas cuecas limpas estejam por cima.

Ele achava que Newton devia estar enganado, mas Felix olhou de relance para o funcionário e depois para a sua mala no chão. A caixa de cultura estava num compartimento reforçado encostado ao microscópio.

Jerome olhou para a mala no chão e riu-se. –Meu rapaz, se tem contrabando aí dentro está metido em sarilhos.

Felix acalmou-se, olhou para Jerome mas não disse palavra.

–Desculpe, Dr. Rossi, foi apenas uma piada de mau gosto.– Ele olhou para o princípio da fila.

Acenando com a cabeça, Felix fez o mesmo.

O funcionário estava a ajudar o homem de cabelo branco a fazer novamente a mala. Fez um gesto para a pessoa que se seguia, uma mulher simplesmente vestida em roupas escuras. O seu cabelo comprido e liso lembrou a Felix, Gloria Steinem nos anos setenta. Ela dirigiu-se para a cabine, entregou o passaporte e o impresso alfandegário, e depois Felix ouviu-a dizer, –Tenciona revistar os meus pertences?

O funcionário, leu o seu impresso com atenção e a seguir, para estu-

pefacção de Felix, disse com a pronúncia de Nova Iorque:

–Sim, faz o favor de abrir a sua mala?

A mulher assim o fez, os seus lábios apertados mostrando a sua indignação. Jerome inclinou-se para a frente. –Efectivamente parece que estamos ambos quase a ser apanhados.

–Parece que sim.– Disse Felix tentando disfarçar o medo na sua voz, pensando que efectivamente tinha dois problemas. O primeiro, conseguir passar pelo funcionário. O segundo, ter a certeza de que Jerome não suspeitasse do conteúdo da caixa de cultura. Jerome podia inquirir sobre os pedaços de fio. Como jornalista, tinha os meios para investigar e motivos para noticiar a sua descoberta.

Imaginou o título que Jerome daria e pela primeira vez teve noção da absoluta insanidade do seu acto. Se a sua caixa de Petri fosse descoberta seria obviamente inspeccionada para certificar de que não continha nenhuma substância perigosa. Se dissesse a verdade sobre o seu trabalho, o funcionário talvez juntasse dois e dois. A sua detenção podia estar por minutos. Amanhã o seu nome podia estar nos jornais, a sua reputação e carreira destruídas.

O seu pensamento voou para o dia anterior. De manhã tinha sido ele próprio um homem cheio de fé e dignidade, cujas acções resultavam de pensamento profundo e reflectido. Considerava a duplicidade indigna, nunca tinha pensado levar o seu plano avante. Era ponderado; Apenas um telefonema, e tinha ficado transtornado.

–É a sua vez Dr. Rossi,– disse Jerome. Rossi olhou para cima sobressaltado enquanto o funcionário lhe fazia sinal.

–Muito obrigado,– disse para Jerome que o analisava com curiosidade. Felix baixou-se e pegou na pasta, na mala, e no saco dos fatos. Silenciosamente, entregou-se nas mãos de Jesus, pronto para aceitar o seu destino.

–Ora viva,– disse ele ao funcionário, um homem de cabelo escuro e cara quadrada que o olhava nada impressionado.

–Ora viva,– disse o agente pegando no passaporte e na declaração que ele lhe entregou.

–Qual foi o motivo da sua viagem?– perguntou.

–Negócios,– respondeu Felix.

–De que espécie?

–Eu sou microbiologista.

–Qual foi o seu negócio em Itália?

Felix sentiu-se entorpecido enquanto falava. –Estive na Catedral de Turim fazendo parte de uma equipe de cientistas.

O homem olhou para cima. –Não é aí que está o Sudário?

Felix pestanejou. –Sim.

–O senhor ainda não o viu pessoalmente, viu?– A face do homem

mostrava o receio que Felix já tinha visto em todos os peregrinos ao Sudário.

–Sim, já o vi.

O funcionário pousou os documentos de Felix. –Acha que é verdadeiro?

–Em minha opinião é a mortalha de Jesus Cristo.

Por um momento, mantiveram-se silenciosos, depois o funcionário pegou no impresso de Felix. –Dr. Rossi, passou por Paris?

–Apenas para mudar para este voo.

–Qual destas malas tinha consigo?

Num gesto lento, Felix apontou para a pasta. –Apenas esta.

–Há alguma coisa dentro dela que o senhor não tenha levado para o estrangeiro?

Felix fez uma pausa, incapaz de mentir na totalidade. –Apenas um pequeno item relacionado com o meu trabalho.

–Mostre-me,– disse o funcionário.

Felix abriu a pasta e abriu o bolso reforçado que continha a caixa de cultura. Receoso, apontou-lho. –Apenas isto.

O homem pôs a mão lá dentro e retirou a caixa. –O que é isto, uma caixa de Petri?– levantou-a contra luz e olhou fixamente.

Enquanto Felix rezava silenciosamente, ouviu uma mulher gritar, –Como se atreve!– ouviu uma pancada, e olhou para ver o funcionário da alfândega na fila seguinte deixar cair um soutien para dentro de uma mala e esfregar a cara. A dona da mala tinha-lhe dado uma estalada. Com a face rosada, o funcionário levantou o braço, fazendo sinal para o polícia da alfândega de que não precisava de ajuda.

O funcionário que atendia Felix riu-se, enquanto repunha a caixa de Petri dentro da pasta. Perguntou a Felix, –Mais alguma coisa?

–Não, nada mais.

O funcionário carimbou o impresso alfandegário de Felix e devolveu-lhe o passaporte, dando uma olhadela final à caixa como se pressentisse a religiosidade dos pedaços de fio.

–Próximo.– Disse o funcionário olhando para cima.

Com gratidão, Felix fechou a sua pasta, tendo abandonado todos os planos que tinha programado para os pedaços de fio. Não só não faria uso deles, como iria contactar o padre Bartolo, confessar o roubo, e devolve-los à igreja, aonde pertenciam. Virou-se para se despedir de Jerome Newton, quando chegou à conclusão de que ele devia ter visto a caixa.

O repórter não olhou para Felix. Estava ocupado a tomar notas num pequeno bloco de apontamentos que meteu no bolso da camisa.

## CAPÍTULO . 6

### Quinta-feira de manhã – Quinta Avenida

Sam Duffy despiu o seu sobretudo de Inverno e saiu para a rua para desfrutar do extemporâneo ar quente de Janeiro que varria a Quinta Avenida. De manhã cedo era a sua altura preferida do dia para estar de serviço na portaria, especialmente quando a temperatura estava assim. De dentro dos apartamentos multimilionários e casas da Avenida e imediações, as pessoas saíam nas suas roupas desportivas e sapatos de jogging, atravessando a rua com os seus cães. Misturavam-se com correctores da bolsa, vagabundos, e estafetas que lhes faziam entregas de diamantes da Cartier. Respiravam todos o mesmo ar, as mesmas árvores, os mesmos lagos, a mesma relva, no maior bem da cidade: o Central Park.

Também gostava do Parque mesmo quando as condições meteorológicas os mantinham todos dentro de casa. Ficava cá fora sozinho nas tempestades de neve, nevoeiro denso ou quando a chuva caía em torrentes, tal como o tinha feito na sua juventude, olhando para os navios mercantes, apreciando a inocência bravia do tempo e do mar e pensando que nunca o abandonaria.

Tinha entrado para a marinha mercante como marinheiro logo após concluir os estudos no colégio, querendo experimentar essa vida antes que os novos navios computadorizados de transporte de contentores a alterassem completamente, como o estavam a fazer de momento. Enquanto fazia a sua carreira de marinheiro, tinha aproveitado religiosamente todos os momentos livres nos portos para recolher e ler os jornais locais, passear pelas cidades e falar com os habitantes, ir a locais públicos, sobretudo em fazer amizade com polícias locais e ouvir as suas histórias. Tinha acumulado diferentes culturas do mundo, o que lhe tinha desde então sido bastante proveitoso.

Compreendia os ricos e os pobres, os fracos e os poderosos, conseguia funcionar em ambos os mundos, mas o seu pai tinha sido porteiro. Sam nunca tinha perdido o seu amor por pessoas simples e de trabalho honesto.

Na Quinta Avenida, à luz do amanhecer, podia imaginar que a vida ainda era sadia e as pessoas inocentes – incluindo ele próprio.

O seu telefone celular tocou.

Era um dos cinco motoristas da frota de limusinas que o prédio pos-

suía e que era comum aos nove inquilinos, com a exceção de um. Nunca tinham tido necessidade de mais carros. Com as suas várias casas e retiros de férias, um terço do edifício não servia invariavelmente de residência, mas sim ranchos na Argentina, vilas na Toscana, chalés na Suiça, casas na cidade de Londres, ou iates ancorados no Great Barrier Reef.

–Sam, estou do outro lado do Central Park. Dentro de dois a cinco minutos estarei aí em frente com o Dr. Rossi.

–Percebido.– Respondeu Sam e desligou.

Dirigiu-se para a entrada coberta do prédio, e assim que a limusina do Dr. Rossi chegou, abriu-lhe a porta. Um homem alto e elegante na casa dos quarenta, surgiu. Elegante de tronco e ombros largos, tinha uma melena de cabelo preto que mantinha bem cuidada, não admirava que se parecesse com Lorde Byron. Sam quase o conseguia imaginar de colete.

–Olá Sam. É bom estar de volta.

–É bom tê-lo de volta Dr. Rossi.

Sam reparou numa mulher que passava de táxi a contemplar o Dr. Rossi. Rossi tinha o carisma dos ídolos das adolescentes. Ele e a irmã se quisessem conseguiam estar no topo da lista A dos nova-iorquinos. Convidados com muita frequência, raramente apareciam. Ele era um homem devoto de poucos interesses – o sacristão isolado que devia ter sido padre. A irmã e a amiga, também eram reservadas.

–Alguém em casa?– perguntou Rossi.

Sam ter-se-ia oferecido para lhe carregar a pasta mas ele agarrou-a debaixo do braço enquanto se dirigiam para a porta. –Não, senhor. A sua irmã está fora. A Maggie penso que vem mais tarde.

–Não a uma Quinta-feira. Eu não sou esperado.

Sam tinha ouvido Frances a falar com a sua amiga Adeline na entrada. Sabia tudo sobre o novo horário de Maggie e sobre o concurso de chapéus que teria com Sharmina na igreja.

–É melhor eu deixar o assunto para as senhoras lhe explicarem.

Sam segurou a porta enquanto Rossi entrava. Quando o condutor da limusina entrou para a garagem dos inquilinos, para Sam a quietude da manhã foi restabelecida. Ficou novamente sozinho em frente às portas da rua, mas agora o sol estava alto, a maioria dos praticantes de jogging e os seus cães já tinham abandonado o Parque, e a Avenida estava cheia de carros.

Lançou um olhar através da rua congestionada em direção a um tranquilo e velho salgueiro, as suas pernas longas e oscilantes ainda suportando folhas secas. O vento ondeava os seus ramos como se fossem velas de barco retalhadas.

Quando um táxi amarelo saiu da fila de trânsito e parou, ele atravessou a passeira vermelha por baixo da abóbada para a borda do passeio e abriu a porta analisando quem seria. Um estranho de queixo comprido e cabelo



cor de bronze saiu, dizendo:

–Boa tarde. Estou correcto esta é a morada do Dr. Rossi?

–Sim está.

–Eu chamo-me Jerome Newton. E gostava de falar com ele.

Sam sorriu perguntando: –Ele está à sua espera senhor?

O homem pediu ao motorista de táxi que esperasse e fechou a porta do carro.

–Bem, não precisamente, mas pensei fazer uma tentativa para o apanhar.

–Vou-lhe ligar para o apartamento senhor,– disse Sam. Já dentro do vestibulo pegou no telefone e ligou para o apartamento do Dr. Rossi. Sabia que Rossi lá estava mas não obteve resposta.

Sam desligou. –Desculpe, mas não obtive resposta.

O homem mostrou perplexidade.

–Se quiser esperar, eu poderei fazer nova tentativa dentro de alguns minutos.

–Sim, eu espero. Obrigado.

Cinco minutos depois, Sam tentou novamente a ligação. Desta vez, Rossi respondeu. –Um senhor de nome Newton deseja vê-lo, senhor.

Sam ouviu a voz de Rossi ficar agitada. –Newton, um individuo de cabelo cor de bronze?

–Sim.

–É apenas um repórter. Não o mandes subir.

–Com certeza, senhor. Dir-lhe-ei que não está disponível.

Quando Sam lhe deu a notícia o repórter parecia surpreso. –Disse-lhe o meu nome?

–Sim, disse.

Um repórter inesperado em negócios desconhecidos era de profundo interesse para Sam. –O senhor é repórter?

O homem fez uma pausa e olhou-o. –Sim, sou.

Sam pôs um sorriso astuto. –Diga-me o que procura e talvez eu o possa ajudar.

O homem sorriu e disse, –Ótimo!– Meteu a mão dentro do bolso e tirou uma nota de cem dólares. –É esta a tarifa praticada?

Sam soltou um riso abafado. –Depende das suas necessidades.

–Um aviso quando ele estiver prestes a deixar o edifício para que eu possa cá chegar para lhe dar uma palavra. O senhor saberá quando ele solicitar a limusina, não é verdade?

–Isso é querer muito. Eu digo-lhe uma coisa. Duplique a importância, e dê-me alguma indicação sobre o que deseja para eu ter a certeza de que não é nenhum maluco, e talvez consigamos fazer um acordo.

O repórter sorriu, puxou por outros cem dólares e entregou-os a Sam. –Eu trabalho para o The Times de Londres. O Dr. Rossi trouxe de Turim algo interessante. Eu voei com ele no Concorde e tive um vislumbre disso na sua pasta, mas não sei do que se trata. Arranje-me uma maneira de eu conseguir falar com ele e será isso que eu perguntarei. Também valeria muito mais se eu conseguisse saber quais serão os seus passos nos próximos dias. Aonde ele vai, quem o visita.

Sam devolveu o dinheiro ao repórter. Baixou-se e reabriu a porta do táxi dizendo: –E se eu lhe der duzentos dólares para retirar o seu táxi da entrada para que eu possa cumprir as minhas funções?

O homem ficou abismado, depois furioso. Entrou no táxi e este arrancou. Sam entrou para informar Rossi das intenções do repórter. Depois iria observar as actividades de Rossi mais de perto no caso de elas poderem vir a ser de interesse para o verdadeiro patrão de Sam, que não era a Associação de Inquilinos.

A curiosa empregada de Rossi, os inquilinos, os guardas e motoristas, ficariam surpresos se soubessem o que Sam sabia: de que este edifício, e todos os deste quarteirão, pertenciam, na realidade, ao homem que vivia no último andar. Assim como uma dúzia de cidades e vilas prósperas ao longo de ambas as costas dos E. U. A., um sortido de negócios nos ramos da química, da electrónica, do minério e da banca, e ainda alguns políticos.

Após três anos no mar, Sam tinha sido vigilante particular em L. A., mas nos últimos quinze anos tinha trabalhado apenas para um homem. Tinha sido ideia de Sam vir para aqui como porteiro para servir melhor o seu único patrão, o Sr. Brown.

## CAPÍTULO . 7

Quinta-feira de manhã – Apartamento dos Rossi

Assim que o elevador parou no seu andar, Felix saiu e prostrou-se contra a parede, exaurido, tentando aliviar a tensão na privacidade da sua própria entrada. Sabendo que em breve o motorista lhe traria a bagagem, Felix abriu a porta dupla, levou a sua pasta para dentro, retirou dela a caixa de cultura e dirigiu-se devagar para o genuflexório instalado no seu espaço côncavo no salão. Ajoelhou-se no coxim de veludo escarlate, com a caixa de Petri na mão, e olhou para cima, para o crucifixo do século dezassete.

Baixou a cabeça para pedir perdão, mas não lhe ocorreu nenhuma oração. Em vez disso, pensou na carta do seu pai. Que explicação podia esta eventualmente conter? Levantou-se e entrou na sala de estar que os seus pais tinham decorado com arte e mobiliário italiano, alguns de estilo Renascentista. Outros eram imitações fabulosas de 1920. Sobre o tecido branco transparente das janelas da sala que mediam três metros e setenta, estavam pendurados cortinados de veludo cinzento presos por pendões com borlas. O chão tinha ladrilhos de terra cota, do século dezoito. Diziam eles que a sala os fazia recordar Itália. Felix gostava porque lhe lembrava uma igreja.

Numa tentativa de a modernizar, Frances tinha colocado um tapete cinzento-escuro no chão e substituído os sofás originais de costas direitas por sofás acolchoados em vermelho dourado e preto, tinha também colocado poltronas condizentes num único tom. Tornava a sala mais acolhedora, embora menos estimulante.

Um Modigliani original estava pendurado numa das paredes – uma das suas raras paisagens com árvores alongadas. Uma cópia de um dos seus retratos de colo de cisne, este de sua cunhada, –Paulette Jourdain,– estava pendurado sobre a lareira. Por trás dele estava o cofre.

Felix afastou o quadro e discou a combinação. Quando o abriu ficou surpreendido ao ver o seu último diário, lá dentro. De mais interesse era uma caixa em madeira talhada que não estava lá antes. Era trabalhada e folheada de nogueira com campânulas esculpidas na tampa, do mesmo estilo que a secretária Veneziana no quarto de hóspedes. Frances tinha-a deixado para ele.

Apesar do dia estar ameno, colocou um toro na lareira e acendeu-o. Embora fossem apenas dez horas e meia da manhã, ele, que raramente bebia, serviu-se de um brandy, antes de se sentar num dos sofás.

Não foi preciso procurar muito para encontrar a carta na caixa. Numa escrita larga e desbotada o envelope dizia: Para o meu filho, Felix. Estava datada de Setembro de 1981, um ano antes dos seus pais terem morrido de acidente de carro quando regressavam da formatura de Frances.

Com a letra do seu pai ao alcance da vista, os seus sentimentos voltaram a ficar em tumulto.

Meu Querido Filho,

Não sei se lerás esta carta muito depois da minha morte ou apenas algumas horas depois, se a Mamã ou a Tia Enea ta vão entregar nessa altura. Se a encontrares acidentalmente e eu ainda estiver vivo, por favor espera para a leres apenas quando eu já tiver morrido. Prefiro não ter que falar nestes assuntos outra vez, mas tu tens direito a teres deles conhecimento.

Deixo ao teu critério o como e quando deves pôr a tua irmã ao corrente. Agora começo o conto que gostaria não ter que contar:

Eu e a tua mãe nascemos e fomos criados em Itália, como sabes. No entanto, como já deves saber nesta altura, tenho-te mentido sobre certos por-menores. Não viemos de uma pequena cidade, destruída por bombardeamentos na Segunda Guerra Mundial. Viemos da bela Turim, e de uma enorme casa situada numa encosta do Rio Pó, mesmo por cima da Igreja de Gran Madre de Dio. Talvez os seus portões de ferro preto ainda lá estejam. Lá moraram cinco gerações da nossa família. Mas o nosso nome não era Rossi. Era Fubini. Não éramos católicos, mas judeus. Junto estão os nomes de todos os nossos parentes que deixámos para trás – não muitos. Se desejares contactá-los, dirige-te primeiro ao meu irmão, Simone, se ele ainda for vivo.

Queridíssimo Felix, não estou envergonhado por te ter mentido, mas o meu coração parte-se pela dor que deves estar a sentir por isso.

Felix parou a leitura e olhou para cima para a cópia do quadro de Modigliani sobre a lareira, e para o original na parede oposta. Teve vontade de retirar o quadro da mulher com pescoço de cisne, o que, de repente, lhe pareceu ele próprio: o falso cristão, sentado por baixo do falso Modigliani. Recomeçou a ler a carta.

Farei os possíveis por ser explícito.

Em primeiro lugar, deves estar orgulhoso da tua família verdadeira. Os Fubini eram bons cidadãos de Itália. Ajudámos a construir escolas e hospitais para os pobres. O negócio da família, no ramo segurador ainda existe, Assicurazione Di Fubinis. Na sua rua larga, os Turineses aos domingos antes da guerra passeavam de carruagem de cavalos. Embora nunca mais tenha falado com o teu Tio Simone, por quase quarenta anos, ele continua a enviar-me a minha quarta parte, dos lucros dos negócios, para a nossa conta bancária.

Porque é que eu o abandonei, abandonei Itália, abandonei a nossa fé? Os judeus já estavam em Itália quando chegaram os Romanos. Os Fubinis há séculos que estão em Turim.

Ninguém previa Auschwitz.

Nós Italianos damos valor ao amor, la famiglia, desprezamos la brutta figura, que mostra uma cara feia ao mundo. Damos valor à honra e ao respeito mas não damos muita importância à maioria das leis. Tu próprio comentaste, após a tua primeira visita a Turim, que nas estradas de Itália, um semáforo vermelho é apenas uma sugestão. A Itália teve muitos ocupantes estrangeiros e cada um com regras diferentes. Quebrá-las tornou-se um passatempo nacional. Estas são as pessoas a quem Hitler tentou impor o seu anti-semitismo, pessoas que entram quando existe um sinal que diz: Não entrar.

Em 1938 quando eles impuseram as Leis Raciais, eu e a tua mãe éramos jovens apaixonados. As nossas famílias desejavam o nosso casamento e em 1942

nós casámos. Mas o nosso casamento não foi como tínhamos planeado. Nessa altura, os nossos amigos cristãos começaram a recear ser vistos a entrar a Grande Sinagoga de Turim. Visitavam-nos em privado com as suas bênçãos e oferendas.

Devido à generosidade destas pessoas, a maioria dos judeus de Turim, ajustaram-se às restrições com muito poucas exigências, pensando que estas acabariam por desaparecer com o passar do tempo. No entanto, eu sou um homem supersticioso como sabes. Tinha amigos pela Europa – antigos colegas de universidade, antigos pacientes. Ouvi murmúrios que outros não ouviram. Para mim, era bastante sério que legalmente fosse impedido de tratar de doentes que recorriam à minha ajuda. Alguns vinham e gracejavam. Diziam: “Não estou aqui para o ver como seu paciente estou aqui apenas como seu amigo. Enquanto aqui estou importa-se de dar uma vista de olhos ao meu ombro? Não lhe posso pagar uma vez que é proibido. Apenas perderei algum dinheiro na sua mão.”

É assim que são a maioria dos italianos. Não só ignoravam Mussolini e Hitler, como continuavam a fazer o que para eles era correcto. Sim, alguns cooperaram, alguns traíram-nos. A maioria não o fez. Eu não receava as gentes de Itália. Eu receava o seu governo.

Aqui, Felix, chega a parte mais dolorosa, mas deixa-me retardá-la um pouco mais. Deixa-me falar-te da nossa alegria.

Dá uma olhadela a um envelope castanho que deixei e verás uma fotografia. Uma linda e jovem mulher e um homem também jovem, não completamente sem encantos, estão em frente a uma casa de campo pequena, de cor amarela, com um caramanchão de rosas sobre as suas cabeças. Olham fixamente um para o outro, mas – apesar do brilho do sol, dos pássaros, do soberbo lago do outro lado, apesar das rosas – eles apenas tinham olhos um para o outro.

Felix franziu as sobrancelhas. Nunca tinha havido fotografias. O seu pai tinha dito que tudo se tinha perdido durante o bombardeamento. Felix procurou dentro do envelope e encontrou a fotografia. Reconheceu os seus pais imediatamente, tão jovens que era difícil imaginá-los com idade para casar. O seu pai usava um yarmulke, a sua mãe um lenço de renda. Estavam em frente a uma casa de campo de estilo antigo, de tijolo e estuque, situada perto da costa. A fotografia era a preto e branco, mas ele imaginou o estuque pintado de amarelo como o seu pai tinha descrito. A casa tinha janelas em arco, um telhado de telha, inclinado, e uma pequena sacada suportada por duas colunas em espiral. Felix sentiu-se afastado do par, desligado das suas vidas, destas pessoas cujo passado tinha estado escondido dentro de uma caixa. O telefone começou a tocar. Esperou que parasse e recomeçou a leitura da carta:

Desta fotografia, meu filho, vê a origem da tua boa aparência. As tuas pestanas negras e compridas, o teu cabelo forte e liso, a tua pele clara são da

tua mãe. A tua irmã é mais parecida comigo: formosa, talvez, mas de tez mais escura e de estrutura menos frágil.

A fotografia foi tirada durante a nossa lua-de-mel. Passámo-la no Lago Maggiore nesta villa a dois Quilómetros de Arona. A casa foi uma oferta da família dela e da minha. Não averigui se ainda existe, ou se alguma coisa das nossas vidas passadas existe. Se já não existir a perda é muito pequena comparada com o que se sofreu nessa guerra. No entanto, não tenho interesse em saber se uma bomba ou um tanque destruíram este lugar maravilhoso onde eu e a tua mãe vivemos pela primeira vez, como marido e mulher.

Na propriedade existia uma pequena casa do lago. A tua mãe adorava a sua larga varanda que se estendia sobre a água. Durante um ano muito feliz, com frequência dormíamos ao ar livre nessa varanda, ou à noite fazíamos fogueiras na praia, ou velejávamos no nosso barco sob as estrelas. Quando voltei à minha profissão de clínico em Turim, ela pediu-me para ficar na villa, e eu ao mais pequeno pretexto, lá estava... tanto mais frequentemente quanto o exercício clandestino da minha profissão ia diminuindo. Ela não apreciava a cidade, queria viver perto do lago onde se tornou uma nadadora e marinheira exímia. Foi ela quem plantou as rosas, com esperanças de que a villa se transformasse no nosso lar.

Junto a estas rosas, junto a este lago, ela ficou grávida do meu filho.

Felix parou e releu, não compreendendo. Ele era o único filho de seu pai, nascido em Nova Iorque. Os seus pais não tinham tido filhos até tarde pois a sua mãe não conseguia engravidar, ou assim lho tinham dito. Teria isso sido outra mentira? Rapidamente recomeçou a leitura com seu estômago tenso de medo:

Havia outro motivo porque eu permitia que a tua mãe se mantivesse em Arona. Secretamente eu tinha estado a fazer planos. Sobrepondo-me aos protestos do meu pai, eu andava a enviar para fora do país, para bancos Suíços, a minha herança e a da tua mãe. Eram pequenas quantias, comparadas com os dias de hoje, mas consideráveis para o ano de 1938 – o suficiente para qualquer contrariedade. Por várias vezes, visitámos amigos em Domodossola. A tua mãe desconhecia que eles eram anti-fascistas. Por diversas vezes nos dirigimos à fronteira Suíça, fazendo amizade com um guarda específico. Secretamente eu dava-lhe dinheiro por conta de um dia mais tarde.

Depois aguardava, esperando que a Itália que eu amava, a Itália que tinha acolhido Judeus durante a inquisição, nos protegesse. Assim aconteceu até oito de Setembro de 1943. Todos os italianos sabem esta data. O governo de Mussolini tinha caído. As tropas Alemãs invadiram Itália e ocuparam o nosso País.

Nesse mesmo dia, começou o cerco ao nosso povo. Eu e a tua mãe está-

vamos na casa do lago com a minha irmã, a tua tia Enea, quando ouvimos o telefone tocar na villa que ficava por cima. Eu ignorei-o porque estávamos a ter um pequeno desentendimento. A tua mãe estava grávida de sete meses, mas queria ir velejar. Eu não o permiti e ela estava irritada. Enea estava sentada na varanda da casa do lago, tentando acalmar-nos. O telefone continuava a tocar. Parou. Depois começou a tocar novamente, parou e voltou a tocar.

Finalmente, dirigimo-nos à villa. Enquanto a tua mãe e Enea esperavam perto das rosas eu entrei. O nosso padeiro local estava ao telefone. Não mencionou o meu nome nem me cumprimentou. Apenas disse, “Leva o chapéu.”

Era um sinal.

Muitos dos amigos dos Judeus usavam-no quando o perigo estava por perto. Chamavam pelo telefone e diziam, “Leva o chapéu.”

Desliguei imediatamente, peguei na carteira com o nosso dinheiro e documentos de viagem, desci até ao local aonde estava a tua mãe e tua tia, e metemo-nos no nosso carro. Viajamos sem parar até Domodossola encontrando-a cheia de tropas alemãs, mas aguardámos, na floresta, pelo cair da noite e batemos à janela do padre. Ele meteu-nos numa carroça de feno e mandou-nos para o maravilhoso vale de Vigezzo aonde os declives se tornavam montes e os montes em montanhas, com os seus picos cobertos por nuvens. Chegámos a uma pequena cidade chamada Re a poucas milhas da fronteira Suíça, e ficámos na estalagem local.

A meio da noite chegaram os alemães.

E aqui chegámos à parte mais terrível.

Felix levantou-se. A carta tremia-lhe na mão. Pousou-a e começou a dar voltas pela sala, imaginando a sua mãe, conforme a tinha visto pela última vez – muito mais velha do que na fotografia, mas para ele, linda. Eles estavam no Colégio Sarah Lawrence. Ela tinha abraçado Frances que usava a sua toga de licenciatura, depois tinha-se aproximado dele e tinha-lhe remexido o cabelo, um intenso olhar de orgulho na sua cara. Pegou-nos nas mãos e disse-nos: –Olhem sempre um pelo outro.– Uma hora depois, o acidente de automóvel matou-a a ela e ao pai.

Regressou ao sofá, engoliu outro golo de brandy, e voltou a pegar na carta:

Os nossos amigos italianos encontravam-se deitados, assim como nós. Não tiveram possibilidade de chegar aos seus carros para nos levarem conforme combinado. Não tiveram possibilidade de nos guiar através do vale nem das montanhas até à fronteira ou às cabanas dos Alpes. Eu, a tua mãe e a tua tia Enea corremos na direcção da pequena estação de comboio nas nossas roupas de dormir. Escondemo-nos num barraco de madeira, do outro lado da via-férrea.

Nessa noite, findava o Verão. A chuva vinha batida pelo vento através do vale, seguida por um vento frio e húmido. Enquanto os alemães nos procuravam, abandonámos o abrigo e corremos por um prado fora até chegarmos á linha-férrea. A pé, naquela vastidão, a linha-férrea era o nosso único guia.

Meu filho, nada senão o meu amor por ti, me faria visitar essa noite, pois tenho que rever as duas mulheres que eu amava – cheias de frio, de medo, tropeçando, a tua mãe grávida do nosso primeiro filho. Vejo a minha irmã tremer, vejo as lágrimas no rosto da tua mãe, vejo as pedras e os carris a cortarem-lhes os pés, vejo o terror nos seus olhos.

Os alemães viajavam nos comboios nessa noite. Examinavam a linha. Por duas vezes escapámos mesmo a tempo.

A apenas alguns quilómetros da fronteira Suíça, a linha-férrea cruza o topo de uma colina. De cada lado da via, erguem-se uns pilares que estavam enterrados no chão do vale. Atravessámos por estes pilares receando que a vinda de um comboio nos atirasse para a morte, pois não havia nada onde nos segurarmos. Atingimos a colina e a sua pequena clareira, com a tua mãe em trabalho de parto. Aí, nasceu o teu irmão mais velho, cedo demais, e eu não tinha nada para o ajudar a sobreviver. Ele viveu apenas por alguns momentos, no entanto, pareceu-me ter lutado durante horas para lhe salvar a vida. Por baixo da árvore mais alta da clareira, enterrámo-lo. A tua mãe sangrava tanto que eu pensei que ela morresse. Carreguei-a nos meus braços através da outra parte dos pilares, o vento gelado nas nossas caras, o som do rio nos nossos ouvidos enquanto corria veloz pelas rochas salientes por baixo de nós. Meio mortos de frio chegámos à fronteira, aonde o guarda meu conhecido nos deixou passar.

Desde essa noite até hoje, deixámos de ser judeus.

Eu imploro para que compreendas. Se isto pode acontecer na Itália que eu tanto amei e que nos amava, pode acontecer em qualquer outro local. E recusei sujeitar a tua mãe e futuros filhos a perigos tão facilmente evitados.

Apenas isto te direi sobre os nossos problemas desde essa altura. Obrigado aos bons italianos que amam a família e a honra, e tão veementemente desprezam as regras de outras gentes. Noventa por cento dos judeus italianos sobreviveram. Os seus vizinhos esconderam-nos e ajudaram-nos. Não obstante, sete milhares foram deportados para campos de concentração alemães. A maioria não voltou. Algumas centenas mais foram assassinadas em Itália. Alguns afogados nos nossos maravilhosos lagos, incluindo aquele que eu e a tua mãe tanto amámos.

Espero que já sejas um homem de idade quando leres esta carta, pois a idade ajudar-te-á a compreender.

Se agi incorrectamente ao guardar este segredo, que Deus na sua misericórdia me castigue apenas a mim, abençoando-te a ti, meu adorado filho, à tua irmã, e à tua mãe. A verdade é que vos amo mais do que a qualquer religião, do que a qualquer Deus. Mais do que a minha própria vida. Por ti, arriscaria a indignação dos



céus, e faria o mesmo de novo.

Felix pousou a carta e olhou com sofrimento para o Modigliani falso. Apenas agora, se lembrou de que Modigliani era judeu. Durante quase dois mil anos, o mundo fazia dos judeus bode expiatório pela morte de Cristo: o holocausto, a inquisição, as pogromes. Talvez nunca tenham fim.

Bebeu o resto do seu brandy e dirigiu-se para um dos cantos da sala onde se encontrava uma Bíblia aberta sobre um suporte esculpido. Felix fechou a Bíblia, fechou os olhos, e depois abriu o livro ao acaso. Quando olhou, tinha na sua frente o Êxodo 2:5 e 2:6.

5 Então a filha de Faraó desceu para se banhar no rio, e as suas aias andavam pelas margens do rio; viu um cesto entre as canas e mandou uma aia buscá-lo.

6 Quando o abriu viu uma criança; chorando baixinho. Teve compaixão dele e disse, –Este é um dos filhos dos Hebreus.

Felix suspendeu a respiração. Era a história de Moisés. Tal como Felix, Moisés tinha sido criado como um gentílico, mas estava provado ter sido vontade de Deus. Como resultado de ter sido criado na família do Faraó, Moisés tinha tido acesso ao conhecimento da libertação do seu povo.

Felix pegou na caixa de Petri que continha os pedaços de fio que agora tinha, como resultado de ter crescido a acreditar em Cristo. Dirigiu-se ao seu laboratório, com toda a sua culpa, vergonha e confusão já ultrapassadas.

Inocentes continuariam a pagar pela morte de Jesus Cristo, a não ser que Deus desse a Felix os meios de reverter esta situação de uma vez por todas.

## CAPÍTULO . 8

### Apartamento dos Rossi

A sua primeira tarefa foi guardar convenientemente os pedaços de fio.

Na pequena sala de preparação vestiu à pressa a sua bata de laboratório, lavou as mãos e colocou luvas de cirurgia. Entrou no seu laboratório branco, preto e cromado, recheado de equipamentos, todos colocados nos seus devidos lugares, todas as superfícies brilhavam, fossem de azulejo, esmalte ou de metal. Trabalho da Maggie. Ele iria sentir a sua falta, mas a partir de agora

teria que ser ele próprio a limpar tudo. Abriu a caixa por baixo da luz do candeeiro cromado e o seu coração voltou a bater enquanto com pequenas pinças esterilizadas, transferiu os pedaços de fio para outra caixa que continha uma grelha e pequenos buracos na tampa. O que iria ele ver quando examinasse o sangue de Cristo com dois mil anos?

Teria que ter paciência e primeiro finalizar os preparativos. Abriu uma incubadora e colocou a caixa arejada num prato giratório que se encontrava livre. Depois introduziu certos números no teclado. Em breve a incubadora simularia o ambiente encontrado dentro da urna de prata de uma igreja em pedra durante o mês de Janeiro no norte de Itália.

Quando o telefone tocou fixou-o ansiosamente, não desejando qualquer interferência. Vendo que a chamada era da portaria, retirou as luvas e respondeu. Era Sam, o porteiro, a dizer-lhe que Jerome Newton estava lá em baixo. Felix ficou tão surpreendido que demorou algum tempo a discernir. A que teria Newton vindo? O que terá ele pensado ter visto? Com esforço consciente, Felix pôs freio ao impulso de entrar em pânico. Sabia que para atingir os seus objectivos, teria que evitar distrações e manter-se calmo. Disse a Sam que mandasse Newton embora.

Sentou-se na secretária e abriu o diário que Frances tinha colocado no cofre, matutando porque é que ela o teria feito. Sabia que ela estava em Cliffs Landing. Para ter tempo de proteger os pedaços de fio e fazer o planeamento necessário ele não lhe tinha dito que vinha para casa.

Começou por rever a sua minuta.

13 de Janeiro

Hoje começo a sério o que antes tinha apenas especulado.

Aparentemente não é difícil:

1. Extrair sangue dos pedaços de fio
2. Isolar células com o nucleico intacto
3. Fazer a cultura das células numa caixa
4. Submeter as células de cultura ao estado totipotente
5. Extrair ovócitos não fertilizados de um doador
6. Esvaziar o núcleo dos ovócitos
7. Substituir cada núcleo por uma célula de cultura do Sudário para a produção de ovócitos fertilizados
8. Desenvolver os ovócitos fertilizados numa cultura apta para o estágio de 5 dias de blastocisto
9. Transferir um blastocisto para o útero do doador.

Com a excepção do ponto um, este fora o sistema usado para clonar

a ovelha Dolly. Os pontos 1, 3, 4, e 8 eram procedimentos que qualquer microbiologista poderia levar a cabo. O ponto 5 era acontecimento diário em qualquer laboratório de fertilização in-vitro, e Felix tinha feito consultadoria em dois em Nova Iorque. O seu Doutoramento era em microbiologia, mas o seu MD era em obstetrícia. Conseguiria fazê-lo de olhos vendados.

A transferência de núcleos, como era chamado aos pontos 6 e 7, requeria perícia. Em segredo Felix tinha praticado a micro manipulação em milhares de ovócitos de ratos, porcos e ovelhas, em todos os estágios, cada espécie provou-se susceptível de danos em formas diversificadas, mas Felix tinha-se concentrado neste assunto durante os últimos três anos. Enquanto o resto da ciência de clonagem se debatia, produzindo apenas um ou dois embriões saudáveis em centenas de experiências, Felix tinha aumentado a sua margem de sucesso para 50 por cento. De cada duas espécies, uma sobrevivia até à fase importante dos cinco dias de blastocisto.

Quando uma empresa privada anunciara precipitadamente que tinha clonado o primeiro embrião humano, Felix riu-se. Um embrião, era por definição, um ovócito fertilizado que foi implantado num útero ou poderá ser. Esses ovócitos ter-se-ão dividido uma ou duas vezes e depois morrido. Ainda não tinham sido factíveis. Outros dois cientistas de clonagem humana anunciaram que tinham gravidezes em curso, mas ele tinha as suas dúvidas. Felix muito avante do resto da ciência de clonagem e suas técnicas, tinha resistido à fascinação da fama – não por causa do Sudário; disse para consigo próprio, mas para poder continuar o seu trabalho em paz. Os seus resultados estavam apenas nos registos que fazia e em mais lado nenhum. Mas Felix tinha a consciência de que um dia a – TN – Transferência de Núcleos, seria tão rotineira, que estudantes do ensino secundário – quando não estivessem a dissecar rãs – estariam a fazê-lo em ovócitos de gatos e cães.

Mesmo assim, ainda não tinha feito nenhuma tentativa para clonar um embrião humano e já era tempo de se decidir se o deveria fazer. Seria fácil arranjar ovócitos destinados a serem destruídos, em qualquer clínica de fertilização in vitro. Ele podia-os enuclear, introduzir-lhes células do seu próprio corpo e destruí-las quando atingissem a fase de blastocisto. Não tinha dúvidas de que resultaria. Tinha apenas que confessar que destruiria um pré-embrião, algo que a Igreja Católica considerava um pecado.

Cientificamente, Felix tinha dificuldade em acreditar que a vida começava na concepção. Concordava com os bioéticos de que não podia existir vida antes do décimo quinto dia. Esta é a altura em que o embrião forma o precursor para a sua coluna vertebral e sistema nervoso ao qual se chama linha primitiva. Sem ela não será senciente. Ironicamente, os seus pais no Judaísmo teriam resolvido este dilema ético porque tanto os judeus como os muçulmanos acreditam que a vida só começa no quadragésimo dia do

embrião. Sim, preocupava-o que pré-embriões fossem destruídos no decurso da clonagem humana, mas quando a altura chegasse, Felix sabia que seguiria a ciência, fá-lo-ia e rezaria.

Para ele o ponto 2 era o grande obstáculo.

Neste caso, o ADN era muito antigo e podia estar muito deteriorado. Mas Felix tinha duas razões para estar esperançoso. O próprio linho do Sudário – um polímero de glucose – pode ter servido de protector ao ADN, estabilizando-o por centenas de anos. Se assim fosse, a sua preocupação seria a morte das células, cuja definição estava aberta a debate. Até que ponto é que uma lesão celular reversível se torna irreversível, tornando a cultura da célula impossível? A sua menos científica mas maior razão de esperança, era de que se a ressurreição realmente aconteceu enquanto Jesus tinha o Sudário, as mesmas energias que restauraram o corpo à vida podem ter preservado o sangue e sêrum do Sudário.

Mesmo assim os outros obstáculos eram significativos. De uma maneira concebível, uma TN – Transferência de Núcleos – humana poderia apresentar problemas que não tinha encontrado noutros mamíferos, embora estivesse confiante na sua habilidade para os dominar. Os criadores da Dolly também tinham sido forçados a usar vários blastocistos para produzir um único com viabilidade para implantação no útero. E fizeram-se inúmeras implantações uterinas para se produzirem cinco com vida. Destes, apenas um clone de ovelha sobreviveu.

Tinha que ter sorte e fazer muitos esforços para melhorar estas probabilidades, mas Felix era cautelosamente optimista. Refinar novas técnicas genéticas era uma arte tão grande como a ciência e ele tinha capacidade para isso.

Releu a sua lista e quando chegou à sua última anotação, –Transferir um blastocisto para o doador do útero,– Felix fez uma pausa, pousou o lápis e colocou a cabeça entre as mãos. Enquanto isto tinha apenas sido um exercício teórico, não se tinha detido no facto de que um doador de útero significava uma mulher de facto – algo no seu todo completamente diferente e com ingredientes muito mais complicados do que uma ovelha doadora.

Levantou-se e começou a andar de um lado para o outro. Os clones precisavam de mães, como toda a gente. Para que Jesus pudesse renascer, tinha que arranjar uma Maria actual.

Sentou-se e recomeçou. Numa nova página, lenta e cuidadosamente listou cada passo chave, até chegar ao nascimento.

Trabalhou durante três horas até concluir que não se encontrava sozinho. Alguém estava no apartamento. Frances presumiu. Despiu a sua bata de laboratório e pendurou-a novamente na sala de preparação, desapontado por não ter tido mais tempo sozinho. Já no salão de entrada, fechou à chave

o laboratório, chamando, –Frances?

A sua voz respondeu da cozinha. –Estamos aqui.

Quando entrou, Frances e Adeline estavam no balcão central com aventais vestidos. Maggie estava no lava-loiças a meter a loiça na máquina de lavar. Desde os anos oitenta que não via Frances de avental. Quando os seus pais morreram, Frances mudou-se para Boston durante o último ano dele em Harvard, e a Adeline tinha-se juntado a eles com frequência durante os fins-de-semana. Por vezes ela e Frances cozinhavam. Mas depois dele se ter graduado e terem voltado para casa, tinham as suas refeições fornecidas normalmente pela Fabulous Food, com a sua cozinha a rivalizar com a dos melhores restaurantes. Ocasionalmente, Maggie fazia o pequeno-almoço se ele a mantivesse até tarde e dormia lá em casa. Frances e Adeline de certeza que estavam a preparar alguma.

–Flix, porque não telefonaste a dizer que vinhas?– Perguntou Frances enquanto ambas se dirigiam a ele e se aninharam nos seus braços. –É difícil acreditar que a tia Enea já não se encontra entre nós,– lamentou.

Acariciando-a respondeu, –Eu sei, eu sei.

Abraçou as duas e cheirou o perfume muito leve do cabelo louro de Adeline, concluindo que no seu coração significavam quase o mesmo para ele – irmãs amadas, com a excepção de que Adeline seria sua mulher quando lho pedisse.

Frances levantou a cabeça. –Encontraste a carta?

Para Felix, a pergunta dela foi o sinal de uma alteração não visível, precisamente na altura em que ele não dominava a situação. –Sim,– disse, –mas peço-te um favor. Vamos pôr de lado a discussão deste assunto por um tempo.

–Mas...

Ele insistiu. –Por favor Fran.

–Bem, está bem. Mas eu estou a fazer os preparativos para o funeral. É na Segunda-feira e Enea pediu algumas vontades específicas, Flix.

Ele sentou-se à mesa, virando a sua atenção para um prato de zucchini que estava a marinar numa caixa. –Trata do assunto como entenderes– disse ele. –Sei que tomarás as decisões correctas. Informa-me apenas do local e da hora.– Retirou uma fatia de zucchini e colocou-a na boca. –Delicioso!

Frances e Adeline trocaram um olhar furtivo e voltaram para o balcão. Ele sabia como Frances iria reagir. O que ele não fizesse, ela não faria. O que a magoava a ela magoava-o a ele. Adeline tinha presenciado a conspiração privada que existia entre eles e há muito que já tinha entrado na jogada.

–Olá, Dr. Rossi,– disse Maggie enquanto fechava a máquina de lavar loiça. Ela tinha aquela expressão desinteressada que ele sabia ser um disfarce para a sua curiosidade. –Como foi a sua viagem de regresso, senhor?

Felix lembrou-se na lista que tinha elaborado sobre os assuntos a tratar

no caso de tentar clonar Cristo sendo um deles o de dispensar Maggie. Se ela pressentisse algum segredo, sabia que ela iria espionar.

–Foi apenas rápida,– disse ele, decidindo com pesar que Maggie tinha que ser dispensada. Iria fazer as coisas de maneira a que ela não fosse financeiramente prejudicada, mas não a podia manter ali enquanto estivesse a fazer este trabalho. Frances respeitaria a sua privacidade se lho pedisse. Maggie não o faria. Poderia não revelar os seus segredos, mas neste caso ele não podia arriscar.

–Tudo no laboratório está muito bem arranjado Maggie, muito obrigado por isso, e pela centésima vez não me trates por “senhor”. E agora porque é que elas te puseram na cozinha?

Frances respondeu, –Eu pedi-lhe para ela tomar conta de todo o apartamento novamente, Flix. Já combinámos tudo.

–Oh?– disse Felix, esta era a diferença de viver numa casa cheia de mulheres. Periodicamente juntavam-se e modificavam tudo. No entanto se calhar era a saída para o problema dele.

–Bem, então nesse caso Maggie, podes deixar o laboratório. Não te podemos matar de trabalho. Além disso tens os teus estudos.

Maggie olhou surpresa mas anuiu.

Amanhã mudaria a fechadura, e depois durante uma semana iria observá-la para ver se ela mostrava curiosidade sobre o que se estava a passar no laboratório. Se a pudesse manter, fá-lo-ia.

–Flix,– disse Frances. –Sabes o que é que isto me faz recordar?

Ele olhou à volta anuindo. Antes dos pais deles morrerem – com frequência toda a família se juntava na cozinha, o pai dele lendo ou trabalhando nas fichas dos clientes, Frances podando plantas em cima da mesa da cozinha ou tocando piano na sala ao lado, enquanto a sua mãe confeccionava algo incredivelmente delicioso.

Raramente alguém cá tinha estado. Raramente alguém telefonava, além dos clientes do seu pai. Para proteger o segredo familiar os seus pais tinham-se resguardado e vivido uma vida insular, como se eles próprios fossem a sua nação independente. Ele e Frances tinham absorvido esta pouca comunicabilidade dos seus pais. Não sabia como é que Adeline e Maggie tinham conseguido transpor esta situação.

Pousou o seu garfo. –Também me recorda os tempos antigos. Bem, minhas meninas. Alguém me vai dizer o que se está a passar?

Frances levantou um livro de cima do balcão e ele ficou espantado pelo seu título: Cucina Ebraica. Apenas ontem tinham sabido que os seus pais eram judeus, mas Frances já estava a abraçar essa herança.

–Entre numa livraria e ali estava ele,– disse. –Cozinha Hebraico Italiana. Tal e qual como a Mamã e o Pai devem ter tido quando eram jovens.

Felix olhou para Adeline. –Já sabes?

Ela dirigiu-se a ele sorrindo e beijou-lhe a face. –Quando vi uma das cartas, a Frances contou-me. Pelos vistos estou apaixonada por um judeu cristão.

Felix não estava preparado para isto. Embora percebendo o seu pai, uma forte sensação de afastamento voltou. Não estava habituado a ser considerado dissemelhante da mulher com quem pretendia casar. Levantou-se da mesa bruscamente.

–No presente momento não posso analisar esta situação. Prometo que dentro de dias falaremos no assunto.

Frances tirou o avental, olhando para ele com um olhar de irmã, o que significava que ela sabia melhor o que fazer. –Vem Felix, vamos dar uma volta no parque.– Era um pedido que ele nunca tinha recusado e o código usado por eles quando algo era urgente.

Algo o fez suspeitar. Este passeio já tinha sido planeado. Sam deve-lhes ter dito que ele já se encontrava em casa. Felix tinha que pôr os seus planos em acção antes de ser ultrapassado pelos acontecimentos. Não podia haver mais escrúpulos. Tinha necessidade de dizer algumas mentiras necessárias.

–Peço desculpas se fui desagradável,– disse enquanto abotoavam os casacos no elevador. A propósito, encontrei um conhecido no voo que vai ficar na área de Nova Iorque por um tempo. Pensei em deixá-lo hospedar-se na nossa casa em Cliffs Landing, mas não consigo encontrar a minha chave. Tens a tua?– ficou surpreendido com a facilidade com que tinha enganado a sua própria irmã, mas mesmo sem Maggie no laboratório não poderia trabalhar em casa por muito mais tempo. Tinha necessidade de total privacidade. Cliffs Landing era perfeito, mas nada diria a Frances até que a gravidez fosse definitiva. No que lhe dizia respeito, ela faria tudo para o dissuadir, inclusivamente pegando fogo ao seu laboratório, mas se o soubesse mais tarde ser-lhe-ia fiel. Depois do nascimento, então daria conhecimento ao mundo.

–Com certeza, quem é?– perguntou, abrindo a carteira e procurando as chaves.

–Alguém relacionado com o projecto do Sudário; tu não o conheces.

Ela tirou uma chave da argola e entregou-lha. –Diz-me assim que eu possa lá voltar.

–Obrigado. Fá-lo-ei.

Quando chegaram à entrada ela disse-lhe, –O Sam quer falar contigo por causa de qualquer coisa.– Mas em vez de Sam estava um substituto.

Saíram do edificio para a rua. Em vez de atravessarem para o Central Park, Frances deu o braço ao irmão e encaminhou-o Quinta Avenida abaixo.

–Aonde vamos?– perguntou ele.

–Já vais ver.

Felix perscrutava as caras das mulheres com quem se cruzavam na Avenida pouco movimentada, tentando adivinhar quais eram mães, ou tinham qualidades para o ser. A sua prática em Obstetrícia e Ginecologia tinha sido curta. Teria ele aprendido o suficiente para saber escolher a melhor mãe para Cristo? No Parque, do outro lado da Avenida, viu duas amazonas a falarem uma com a outra. As cabeças dos cavalos estavam juntas. Possivelmente mãe e filha. Reparou que a mais velha escutava a mais nova com uma expressão que denotava mais emoção do que interesse. Aí sentiu o amor dela.

Subitamente, Frances parou e encarou-o. –Flix,– disse. –O que encontramos dentro da caixa da Enea não é só teu. Também me pertence. Temos que falar sobre este assunto pois vai-nos afectar a ambos. Eu já sinto que estás perturbado, e para ser honesta não deixo de ter um certo receio.

Olhou para ela com atenção. –Tu nunca tiveste medo de nada. Nunca. Ela correu a mão sobre a alça da sua carteira sem dizer nada, e Felix apreciou os jardins de Inverno muito bem tratados emoldurados por ferro forjado ao longo dos passeios. Desejava que a sua vida também estivesse assim tão ordenada.

–Eu acho que estou com receio,– disse.

–Oh então é verdade?– colocou o seu braço sobre os ombros da irmã e começou a andar para trás em circulo até que ela se começou a rir – algo que ele fazia com frequência quando eles eram mais jovens.

–Tudo bem, pára com isso! Pára!– E riu-se para ele. –Quero-te mostrar uma coisa no nº 92.

–O que é?

–Vem e vê. Prometes?

–Prometido.– Disse ele, tentando recordar-se do que havia no nº 92. No caminho viu uma mulher jovem de patins, a seu lado uma criança num carrinho de bebé. Tentou ver a cara da mãe, mas era a cara de Frances que via. Ela tinha tomado conta dele desde a morte dos pais. Perguntou a si mesmo se ela não poderia ser a sua Maria, mas não se conseguia imaginar a examiná-la, muito menos engravidá-la mesmo que artificialmente.

Entretanto viu o que havia no nº 92: o Museu Judaico. Frances sabia que ele gostava imenso de museus, e deve ter pensado que uma visita a este o ajudaria. Seguiu-a com relutância ao longo da Mansão Warburg esculpida em gótico Francês, as janelas com a sua pedra calcária convertida em ostentação. Uma tinha um menorah em prata. Outra tinha os dizeres: Cultura e Continuidade; A viagem Judaica. Num expositor coberto a vidro num dos cantos, um poster exibia uma famosa pintura de duas mulheres, uma num vestido de noite preto a outra num vestido branco. O pintor era John Singer Sargent que Felix não sabia ser judeu.

Seguiu Frances pela larga escadaria de três degraus, através de portas



de vidro com molduras ornamentadas em madeira trabalhada. Enquanto ela comprava os ingressos, ele esperava entre uma multidão de crianças de escola e seus professores, incerto dos seus sentimentos. Reparou que os professores pareciam conscienciosos, mas não imbuídos ao espírito da sua responsabilidade como a mãe que montava a cavalo. De repente o óbvio despertou nele: tinha que procurar a mãe do seu clone por entre as mulheres que amavam Deus. Tinha que procurar dentro da igreja.

Entraram no museu. A primeira sala era o testemunho das realizações dos judeus na Alemanha antes da guerra. Estranhamente, Felix achou uma evidência terrível de como os judeus alemães tinham sido proscritos, como se tivessem necessidade de provarem que eram seres humanos. Porque não tinham eles realizações iguais às das outras pessoas? Seguiu Frances enquanto esta lhe dava algumas indicações.

De repente viu algo que lhe chamou a atenção no fim da segunda sala. Era um pequeno quadro intitulado Mulher à secretária, era de Lesser Ury que tinha falecido em 1931. Sentada numa cadeira, com as suas longas saias e blusa branca, absorvida na sua carta, com sol brilhando pela janela, mas sem lhe bater, o assento da cadeira de um belo azul, o tapete sob os seus pés de um vermelho quente. Quantas vezes tinha pousado o seu Jornal de Domingo e visto Frances tal e qual, escrevendo para as suas colegas de Universidade sentada à velha secretária do pai. As parencas eram surpreendentes. Ficou ali parado a admirar o quadro, esperando que não fosse uma peça de arte judaica de preço exorbitante, mas que estivesse à venda para que o pudesse comprar para oferecer a Frances no seu aniversário.

Levantou o olhar mas ela já se tinha dirigido para outro quadro. Felix ficou admirado por ver o nome de Lesser Ury ao lado. Como poderia ele ter pintado este e o outro também? O quadro era imenso: um metro e meio por um metro. Nele, um homem esquelético rastejava ao longo de uma montanha rochosa em azul-escuro. Coberto apenas por um pano vermelho que o envolvia da cintura até aos tornozelos. Na sua aparência cadavérica, e nas linhas escavadas da sua cara, estava implícito que não havia diferença entre o homem e a rocha. A montanha abraçava-o como se não fosse de pedra. Ury tinha pintado o sofrimento humano num mundo frio, inflexível. Felix achou que tinha reconhecido o vermelho no manto lúgubre do homem. Não era o mesmo vermelho que o do tapete do quadro da mulher? Voltou a traz para confirmar. Era. Aqui o vermelho era luxúria, ali, privação. O azul da sua cadeira era elegância, mas desolação nas rochas. Um quadro sobre o lar e o amor, o outro o advento do holocausto. Ury tinha usado as mesmas cores para contrastar ternura e os resultados do ódio e o efeito era devastador. Felix não queria que estes dois quadros representassem o seu passado como o faziam: a sua vida familiar em Nova Iorque, e o que tinha acontecido aos

seus pais durante a guerra.

Fez um sinal para Frances indicando-lhe que ia sair, e escapou-se para a entrada, cheia de crianças cujos professores não os amariam, pensava ele, pois se fosse o contrário como podiam atirá-los para esta discrepância de emoções?

Frances apanhou-o já na rua e segurou-o pelo braço. –Flix, tu não podes evitar isto. Não compreendes? O funeral é na segunda-feira. Sabes que temos um tio, irmão do pai, vivo em Itália? É irmão da Enea. Já pensaste nisso? Eu entrei em contacto com ele...

–Não, não o fizeste.

–Por amor de Deus, foi a irmã dele que morreu! Ficou tão contente por eu o ter contactado. Devias ter ouvido. Choraram todos. Ele vem para o funeral e também...

Sentiu-se cercado, invadido. Com uma casa cheia de familiares o tempo não lhe pertenceria. Se os ignorasse e se mantivesse no laboratório, atrairia as atenções, suscitaria perguntas. Podia esperar até que eles regressassem, mas Felix tinha uma necessidade imperiosa em não se atrasar.

–Lamento imenso mas eles não podem cá ficar! Hospeda-os num hotel. Vai vê-los sempre que quiseres. Mas não os tragas para casa. O pai nunca os teve cá, lembras-te? É preciso conversarmos sobre certos assuntos antes de tomarmos atitudes como esta. Acredita-me, esta não é a altura certa para abrirmos a casa a estranhos!

Ele deixou-a e com passos apressados regressou ao apartamento e dirigiu-se para o solário, tentando acalmar a sua mente para poder trabalhar. Olhou para baixo para o Central Park certamente a zona mais estimulante na Museum Mile, que se estendia pela Quinta Avenida na parte que o bordejava pelo Este. O parque tinha sido o pátio de recreio da sua juventude. Conhecia-lhe todos os cantos, todos os pequenos lagos, calhaus, estátuas e canteiros. Quantas vezes não ficava ali a ver Frances montar o King, o seu Andaluz, e Adeline montar o seu Árabe, o Moonless. Por um momento Felix desejou a felicidade que tinha tido nessas alturas.

Sentiu que uns braços o abraçavam por detrás, e voltou-se para abraçar Adeline.

–Felix, peço desculpa se disse algo fora do contexto. Não reparei quanto perturbado estavas. Mas não tem importância,– disse –realmente não tem. Quero dizer, por vezes, há coisas na vida que têm importância. Se és uma pessoa honesta ou não. Se magoas ou ajudas os outros. Ser cristão ou judeu, não tem. Pura e simplesmente não tem.

Virou-se para ela. –Se realmente achasses que não tem importância,– disse ele beijando-lhe a testa, –estarias tão empenhada em me convencer?

–Querido, estou apenas a tentar desatar os nós em que tu estás atado. É óbvio que algo não está bem. Aonde está Frances?

–Vem aí.

–E Maggie não sabe o que nos há-de fazer.

Felix sentiu-se embaraçado por ter uma testemunha ao seu tumulto íntimo, mesmo que fosse Maggie. Sentiu-se confuso perante a aceitação imediata de Adeline à sua herança quando ele estava com dificuldade em a aceitar. Parecia um anjo na sua beleza pálida. O seu relacionamento reflectia as suas crenças religiosas, pois apenas tinham feito amor uma vez. Ele tinha desejado inúmeras vezes que tivessem respeitado o pacto de casamento e tivessem esperado. Embora nos tempos que corriam poucos o fizessem. Mas numa bela noite, nesta mesma sala ele e ela tinham sucumbido. Desde então tinham sido um casal. Ele tinha planeado propor-lhe casamento no primeiro aniversário desta data que ele considerava a oficial, sugerindo que dispensassem o noivado e se seguisse de imediato a cerimónia pela igreja. Tinham sido feitos um para o outro. Em vez de praticarem sexo, passavam horas a discutir Deus. A paixão de Felix era por Jesus Cristo e a dela pela sua mensagem de clemência. Em criança ela tinha alvitado entrar para um convento. Ele tinha querido ser padre.

Quando não estavam a cavalgar, ela e Frances passavam o seu tempo em obras de caridade, por vezes difíceis. Adeline é que as encontrava. Andava constantemente à procura de maneiras de poder ajudar terceiros, fazer o melhor bem com o seu dinheiro e tempo, dando ambos sem restrições. De todas as santas a sua favorita era Santa Colete, uma rapariga Francesa, que tendo ficado órfã aos dezassete anos, deu toda a sua herança aos pobres e tornou-se freira tendo entrado em reclusão até que Deus lhe revelou o seu destino. Fundou dezassete novos conventos, motivada pela sua visão da Paixão de Cristo. Dizia-se que ela determinou a sua morte ao pomenor.

Adeline apertou-lhe as mãos com confiança. –Felix, quão forte é a tua fé em Deus?

Ele tocou-lhe no cabelo. –Tu sabes a resposta.

–Então não questiones. Acredita que Deus tem razões pela maneira como está a revelar a tua vida.

Felix olhou fixamente para ela. Sabendo as razões, lembrando-se da passagem que tinha acabado de ler sobre Moisés, lembrando-se dos seus apontamentos e em como sem uma mulher não poderia progredir, alguém merecedora de ser a mãe do Filho de Deus. Alguém de profunda fé. Alguém destemido. Alguém muito próximo de se parecer com um anjo como o eram as mulheres humanas. Ela estava defronte para ele.

Poderia ele pedir-lhe? Diria ela que sim? Seria este o destino que Deus queria para a mulher que ele tinha imaginado ter um dia um filho seu nos braços?

Felix afastou-se dela e dirigiu-se para as orquídeas que Frances adorava

plantar. Daí podia ver como o sol que se estava a pôr, banhava Adeline de luz, e imaginou-a grávida com um filho abençoado, com ele e Frances ao seu lado. Fá-lo-iam juntos os três com a ligação que tinham desde os bancos de escola.

Dirigiu-se a Adeline e segurou-a no que sentia ser uma despedida à vida que tinha planeado para ambos. Encostou a sua face à dela. –Vamos sair esta noite Adeline,– segredou-lhe ele ao ouvido. –Tenho necessidade de estar sozinho contigo.

## CAPÍTULO . 9

Quinta-feira à tarde – Quinta Avenida

Sam tinha tentado falar com o Dr. Rossi a propósito do jornalista, mas ele não lhe tinha atendido o telefone. Quando Frances Rossi chegou com Adeline Hamilton ele tinha-lhe enviado uma mensagem, mas aparentemente elas tinham-se esquecido de lha dar. Possivelmente algo se estava a passar com o regresso recente dos Rossi e a morte da tia.

Para seu descanso voltou a telefonar da portaria, entrou no edifício e desceu as escadas para o vestíbulo subterrâneo, atalhando caminho pelo salão do lustre para a área a que todos chamavam O Quartel. Este era composto por um apartamento para o engenheiro do edifício, uma sala comum para os motoristas, porteiro, segurança, e um apartamento muito maior para Sam, que os supervisionava a todos. O seu apartamento já tinha sido o consultório do Dr. Rossi sênior, pai de Felix Rossi. Agora as salas espaçosas eram de Sam – estas e tudo no Quartel, pago pela Associação de Condóminos.

Ele olhou para a sala de estar comum. O segurança espreitava distraidamente para os monitores da frente, traseiras e vestíbulo da entrada, enquanto ouvia um programa de entrevistas que os motoristas de serviço estavam a ver. Por trás num dos cubículos de dormir um terceiro motorista ressonava. Outros dois estavam fora da hora de serviço. –Rapazes– disse Sam –Podem apagar da escala a pick-up para o Dr. Rossi; ele já cá está há horas.

–Certo Sam– respondeu um deles.

Sam foi corredor abaixo e abriu à chave a porta que dava para a garagem privada do Sr. Brown na cave. A escala do Sr. Brown nunca estava no quadro. Não estava escrita em parte nenhuma. Desceu as escadas para uma abóbada construída em madeira que tinha por baixo uma tapete vermelha que se estendia até à entrada do elevador privado do Sr. Brown. Encostados a uma

parede mais afastada, encontrava-se a colecção de carros do Sr. Brown: Um Porsche branco, no qual Brown só tinha saído uma vez; Dois Lincoln pretos que ele usava na cidade para passar despercebido como apenas mais um dos ricos de Nova Iorque nas poucas ocasiões em que saía; E um Rolls Seraph prateado que nunca tinha usado. Sam tinha ouvido dizer que na noite em que Rolls destapou o Seraph nas terras altas da Escócia, todos tinham usado os seus tartan, tinham tocado gaita-de-foles, e tinham bebido Old Pulteney single malt. Para um homem como Brown não era nada de especial. Ele já tinha uma vez dito a Sam que não tinha grande paixão por eles.

Sam pôs o seu chapéu e esperou debaixo da abóbada polida. Passados uns momentos ouviu uma buzina, carregou no botão para accionar o portão da garagem, e o outro do intercomunicador.

O mordomo atendeu. Sam disse, –Ele chegou.

O portão da garagem abriu-se e entrou uma limusina preta. Parou na abóbada e Sam abriu a porta de trás.

–Bom dia Sr. Secretário.

Ele segurou a porta para o Secretário de Estado dos E.U.A., enquanto o motorista abria a bagageira e retirava um saco de viagem, próprio para passar a noite.

Sam segurou no saco e seguiu o Secretário pela tapete vermelha até ao elevador. Quando chegou entraram os dois.

–Como foi o seu voo até aqui, Sr. Secretário?

Ele suspirou. –Não tem importância.

Sam sabia que a mulher do Secretário tinha falecido num estranho acidente de automóvel, no ano anterior. Embora em público ele transpirasse confiança, em privado ainda parecia um homem vencido.

O Secretário olhou para o envelope Manila que ele tinha nas mãos. –O Brown nunca se dirige a ti Sam?

Em vez de responder, Sam mudou de assunto para o tempo magnífico que fazia, até o elevador chegar à penthouse no nono andar. Quando as portas se abriram ali estava o Sr. Brown.

A postura do Sr. Brown mexia com Sam assim como o fazia com toda a gente. Ele tinha lido que J. P. Morgan tinha o mesmo efeito nas pessoas, os seus olhos tinham um brilho tão intenso que se tinha a sensação de estar em frente ao foco de um comboio em aproximação. Embora ele normalmente usasse calças cinzentas e uma camisa simples sem gravata, e o luxo que o rodeava fosse numa proporção de bom gosto, quem visse Brown comportava-se como se ele fosse um Deus.

O Secretário baixou a cabeça enquanto lhe apertava a mão. O mordomo apareceu, pegou no saco do Secretário enquanto Brown dizia:

–Sam, espera, tenho uma incumbência para ti.

–Sim, senhor.– Enquanto Sam voltava para a entrada, ouviu Brown perguntar:

–Desta vez trouxeste o projecto do cessar-fogo?

O Secretário respondeu, –Sim, sim, evidentemente.– a sua voz soou tensa. Sam fazia o possível por não pensar porque é que algumas das visitas de Brown lhe tinham tanto temor.

Sentou-se numa confortável cadeira na sala de entrada do Sr. Brown cantarolando baixinho: Too-ra-loo-ra-loo-ral. Enquanto cantarolava, viu o mordomo voltar, entrar no elevador e descer, depois viu os números subirem de sete para oito e para nove. As portas abriram-se. O mordomo saiu e atrás dele uma mulher que ele já tinha tido oportunidade de ver uma ou duas vezes, com o cabelo cor de avelã a cair-lhe sobre o pelo preto de um animal – ou uma falsificação muito boa. Um olhar ao seu andar disse-lhe que ela era bailarina – uma entre os milhares aspirando pela fama em Nova Iorque, e não era a única que ele aqui tinha visto. O seu musical era sem dúvida financiado – e o seu fabuloso casaco fornecido – pelo Sr. Brown. Sam inspeccionou-a enquanto ela passava. O Secretário de Estado esta noite ia ser recreado. Sam sentiu inveja dele.

Momentos depois o mordomo voltou a aparecer e encaminhou Sam para a biblioteca. Era ali que o Sr. Brown gostava de receber os convidados especiais e aqueles que trabalhavam para ele. Sam desconfiava que todos os outros compartimentos da casa, excepto o quarto do Sr. Brown, tinham aparelhos de escuta ou câmaras de filmar. Ele sabia que o quarto de hóspedes principal tinha. Quando a mulher tirasse o casaco de pele e dançasse sobre o corpo feliz do Secretário, Brown teria o registo, em caso de necessidade.

Sam sentou-se num sofá em pele clara, pensando no posto de vigilância vulgar que tinha em L.A. nos seus tempos de detective privado que o tinham trazido até aqui. Tinha sido contratado por uma abastada mãe de família para lhe seguir o marido e obter provas de adultério que pudesse usar em Tribunal. O marido, nessa altura, andava entusiasmado com duas jovens atrizes que viviam juntas e que gostavam tanto de homens como uma da outra. Na noite em que Sam os encontrou, estavam os três na cama das raparigas divertindo-se. O que Sam não sabia era que a mulher o tinha seguido, com a intenção de varrer marido e amante da superfície da terra.

Enquanto Sam estava a tirar fotografias, a mulher apontou-lhes uma pistola. O primeiro tiro apanhou o ombro esquerdo do marido. Sam conseguiu segurá-la antes do segundo e tirou-lhe a arma. Sem alarido, ele levou o marido ao seu médico assistente, a mulher ao seu terapeuta, e aconselhou as duas raparigas a saírem da localidade sem deixarem morada de destinatário.

Durante um ano Sam teve um fluxo de estranhos casos, difíceis mas lucrativos, tendo satisfeito o cliente em todos eles. Um dia recebeu um cheque

pelo correio com uma soma importante, um bilhete para Nova Iorque, e um pedido para se apresentar numa entrevista aonde ele sabia que tinha apenas um cliente durante o ano inteiro: um tal Sr. Brown, cuja irmã rebelde era uma das duas raparigas. Aparentemente ela tinha informado o irmão que, por sua vez, tinha posto Sam à prova anonimamente e ele, pelos vistos, passara esses testes. A partir dessa altura, foi colocado na folha de pagamentos dos seguros de Brown onde já estava há onze anos. Fazia várias espécies de trabalho interessante, normalmente honesto mas por vezes pouco limpo, por um salário que satisfaria um pequeno príncipe .

Uma voz trovejou do pátio de entrada. –Sam, estás aí!

Brown entrou e sentou-se na cadeira de espaldar alto ao lado de um computador que dava supostamente acesso a sites classificadas do governo. Mapas antigos e modernos estavam pendurados na parede por detrás dele. Sem quaisquer preliminares, Brown arremessou para cima da mesa que estava em frente a Sam um envelope fechado e grosso.

–Isto é para o nosso amigo do consulado. És esperado lá dentro de uma hora.

–Sim, Senhor,– respondeu, nada surpreendido com o destino do envelope. Dois países africanos tinham recentemente começado uma nova guerra perto das fronteiras, e os E.U.A., eram intermediários no cessar-fogo. Brown estava sem dúvida a enviar ao seu preferido informações avançadas dos termos propostos.

Sam enfiou o envelope no bolso de dentro do casaco enquanto Brown olhava céptico à sua volta: cinco filas de prateleiras, cada uma devidamente etiquetada com o nome de um continente e os países aí pertencentes, ou um período de história.

–Devias ler mais,– disse-lhe Brown como se estivesse a pensar em algo que não estivesse contido em nenhum livro.

Sam ergueu-se, dirigiu-se a uma prateleira e viu Plínio a História Naturalis de Elder, de Quintius Curtius Rufus a História de Alexandre e o Vidas de Plutarco. Noutra estavam Tao-te-ching de Lao Tze, A Arte da Guerra de Sun Tzu, um volume de poemas de Li Po, e os relatórios de Ssu-ma Ch'ien. Da Índia havia o Ramayana, o Vedas, e o Mahayana Sutras. Naturalmente que a Bíblia, a Tora, o Corão também lá estavam. Associado a tudo o resto que ele sabia sobre Brown, nesta biblioteca aonde era possível pesquisar o pensamento, arte, religião e história de todas as sociedades conhecidas, mostrou a Sam que um capitão digno de ser servido estava ao leme. Repetidas vezes tinha visto Brown prever o futuro, instruído pelo passado, e corrigir o que não gostava antes que acontecesse.

–O que pensas do mundo Sam?

–Eu?– Sam seleccionou O Príncipe de Maquiavel. Nunca o tinha lido,

porque achou que já sabia o que ele aconselhava. –Bem, primeiro vi o mundo como marinheiro, como sabe. Para ser verdadeiro, não me pareceu diferente de um navio mercante: homens a viverem e trabalharem em espaços minúsculos, sem qualquer possibilidade de desistência, e navegando em mares perigosos. Sem um capitão, uma hierarquia, e um número correcto de regras, a pressão faria com que os homens do mar se destruíssem uns aos outros antes do barco chegar ao porto.

–Pensas que o mesmo se pode aplicar a outros casos na vida?

–Sim.

Brown manteve-se na mesma posição, devolvendo a sua versão com um sorriso de pai benevolente que consistia numa menos penetrante intimidação. Sam gostava e admirava Brown, mas a uma distância conveniente.

–Tudo em ordem no edifício?– perguntou Brown.

–Um jornalista veio à procura do Dr. Rossi hoje de manhã cedo. - O sorriso de Brown aterminou de imediato.

–Um jornalista? Sobre o quê?

–Algo sobre o trabalho dele, penso eu.

–Descobre. Depois informa-me.– Depois olhou para a porta, o que queria dizer que não tinha mais tempo e que ele devia retirar-se.

Sam apanhou o elevador para baixo e através da porta da frente que estava aberta viu Frances Rossi e a sua amiga Adeline, esperando como estátuas pela limusina. Vão às compras, presumiu. Parou para as admirar, suspenso como habitualmente na imobilidade que elas partilhavam com a maioria das senhoras do edifício. Era como se alguém tivesse dito às mulheres da alta sociedade que se possível não deviam mexer-se. Frances não parecia talhada para esta restrição. De vez em quando comportava-se como o seu cavalo, o King, e na realidade usava os seus músculos em público. No entanto tinha reparado que Adeline por outro lado, controlava bem a sua inércia. Não se movia durante longos períodos, depois algo mexia com ela: um som, uma palavra. Derretia-se como o gelo e adoptava outra posição que expressava a sua mudança de estado de espírito. Depois, por um longo período, gelo novamente.

Mais do que uma vez, ele tinha fantasiado apenas ao ver como estas mulheres se moviam.

Lembrou-se que tinha deixado o celular em casa do Sr. Brown e voltou atrás para o ir buscar, descontente quando, ao descer, sentiu que o elevador tinha reduzido a velocidade ao chegar ao oitavo andar. Tinha apanhado o elevador geral sem pensar.

Quando as portas se começaram a abrir, teve uma visão momentânea de Maggie, a empregada dos Rossi, a espreitar flagrantemente quem vinha de cima da penthouse. Sorriu e escondeu-se rapidamente no canto do elevador



de maneira a que ela não o visse de imediato.

–Estás cheia de curiosidade não é Maggie, minha menina?– disse ele.

Ela saltou ao som da sua voz e tropeçou ao entrar no elevador. Sam apanhou-a antes que ela caísse. Ele ficava sempre alegre quando via Maggie, os seus grandes olhos quase sempre fascinados com algo que não tinha precisamente nada a ver com as suas funções. Nunca fazia intrigas, tanto quanto fosse do seu conhecimento, mas queria sempre estar a par de todos os acontecimentos.

Ela sentiu-se uma inútil nos seus braços, olhando para cima para ele, parecendo vexada, a mão sobre o coração. Ele sorriu, vendo como ela se sentia orgulhosa em usar aquele chapéu – tal qual uma rainha africana. Passou-lhe pela mente beijá-la, mas de repente, ficou a pensar em como esse pensamento lhe tinha ocorrido.

–O que estás a tentar fazer, matar-me de susto?– disse enquanto se desenhava dele e as portas se fechavam.

–Como se eu fosse capaz disso,– respondeu Sam, ainda a sorrir-lhe. Pensava quanto dinheiro não teria ela gasto naquele chapéu. A sua mãe tinha sido assim. Depois do pai morrer, ela passara fome para ele ter roupa nova para usar na escola fina aonde o tinha conseguido inscrever. Desde então tinha pavor de ver uma pobre e boa mulher, empobrecer-se por roupas para se sentir com alguma importância. Maggie era uma dessas boas mulheres.

Baixando a voz ela disse-lhe. –Em qualquer caso andava à tua procura.

–De verdade?– Ele ainda tinha cinquenta minutos para chegar ao Consulado que ficava apenas a vinte minutos. Carregou no botão de parar do elevador e tentou parecer sério, inspeccionando a cara dela simples mas honesta e gostando do que estava a ver.

Ela disse-lhe, –Ouvi dizer que querias falar com o Dr. Rossi e achei que me podias dizer qual era o assunto e assim não o estorvavas.

Sam sorriu. Tinha estado a imaginar como é que havia de ter uma conversa particular com ela sobre este mesmo assunto. Tinha quase decidido convidá-la para sua casa, embora nunca ninguém do edificio lá tivesse entrado. Apenas as suas visitas femininas, que usavam a entrada privada directamente da rua e não tinham acesso ao vestíbulo de entrada. Agora o problema estava resolvido.

–Então é isso? Foi o Rossi que te mandou?

–Não propriamente.

–Queres dizer de maneira nenhuma?

–Sam Duffy já há problemas suficientes a passarem-se naquela casa sem a tua ajuda. O que é que queres do Dr. Rossi? - Disse exasperada.

Sam admirou a sua capacidade de protecção. Havia mais lealdade do que servilismo na sua reacção embora Maggie conseguisse fazer uma imitação

de cinco estrelas quando queria parecer servil. No mínimo, ele tinha esperança de que fosse imitação. A ideia de que ela se poderia sentir inferior aos outros preocupava-o quando pensava nisso. Encostou-se ao corrimão de bronze.

–Antes de eu te responder não queres ao menos cumprimentar-me, rapariga?

–Eu não sou nenhuma rapariga.– Fez uma pausa como que arrependida de ter sido rude. –Olá Sam.– Disse mostrando-lhe um sorriso artificial.

Isto atormentou-o um pouco pois ele gostava de Maggie e há anos que tentava ser seu amigo. Via o seu coração generoso por baixo da sua tenacidade, e isto fazia com que a quisesse proteger, embora soubesse que aqui ela não corria qualquer perigo. Na realidade não a culpava por ela não corresponder. Como podia ela saber que a sua experiência como homem do mar, tinha tido como efeito que raça, religião, tendências sexuais e outras, não tinham para ele qualquer significado. Nos pequenos recintos dos navios mercantes, em pleno mar, a harmonia entre a tripulação era o melhor bem. O pior mal era algo que a pudesse destruir. Se já não se fosse tolerante por natureza, como marinheiro, aprendia-se a sê-lo. Mas Maggie não tinha nada a ver com as suas amigadas Irlandesas, portanto resolveu arreliá-la.

–Olá Maggie, tenho uma confissão a fazer.

Ela olhou para ele interessada.

–Eu ouvi casualmente Frances Rossi e a sua amiga Adeline, falarem sobre um concurso de chapéus na tua igreja com a Sharmina. Como é que isso correu?

Num gesto que dizia que tinha corrido assim-assim, Maggie mostrou-se agastada e encolheu um ombro, mas ele tinha um pressentimento que o chapéu tinha sido um sucesso.

–Foi apenas um chapéu. Apenas uma tolice.

–Tolice?– nem queria acreditar em Maggie, cuja mania por chapéus era bem conhecida, descrever a sua premiada propriedade como uma tolice.

–O teu Graham Smith? Sim, também ouvi isso. Maggie deves estar com febre. Diz-me o que disse a Sharmina, ou ficou sem palavras?

Maggie olhou para o tecto como se estivesse decidida a satisfazer uma criança. –Se queres saber, eu entrei; sentei-me no meu lugar habitual – na nave lateral, terceira fila. Penso que as pessoas repararam. Alguns disseram “lindo” ou algo parecido. Cinco minutos antes do serviço religioso começar, entrou a Sharmina olhando fixamente para o meu chapéu, toda a igreja a olhar para ela. Ela não chegou a dizer palavra. A seguir apenas soube que se tinha ido embora para casa, ou assim me disseram, e perdeu o concurso. Eu ganhei-o mas não posso dizer que a derrotei uma vez que ela não estava lá. Satisfeito?

Sam riu-se. –Que cobarde! Esqueceu-se de Nosso Senhor, não foi? Tu atiraste a primeira rolha e ela desistiu sem mais demora.

–Atirar a rolha? Tu jogas ao dardo Sam Duffy? Maggie olhou para ele surpreendida.

Ele pôs as mãos nas ancas. –Melhor do que qualquer irlandês em Nova Iorque. E tu?

–Eu jogo. E muito bem se realmente queres saber.

Ele riu-se. –Então coloca o teu dinheiro na boca, mulher!– olhou para o relógio. –Hoje à noite. Às seis horas. Eu levo-te ao Molly Malone. O McSorley pago eu.

Maggie olhou para ele espantada, como se ele tivesse enlouquecido.

–Pedi algo pecaminoso, foi? Está bem, casamos primeiro e jogamos aos dardos depois. O que achas?

–Achas que vou contigo a um bar qualquer Sam? Maggie revirou os olhos.

– Se queres jogar aos dardos podes acompanhar-me à sala de jogos da nossa igreja, é o que podes fazer. Voltando à nossa conversa antes que alguém chame este elevador?– disse ela, sem qualquer contentamento na sua cara, o que desapontou Sam. Ele teria adorado jogar um jogo de dardos com Maggie, e tinha desejado que ela ganhasse o concurso do chapéu.

–Sem dardos, sem casamento? És uma mulher dura Maggie.– Olhou para os seus olhos cor de azeitona, pensando se ela saberia que eles eram maravilhosos. Depois, clareando a garganta disse. –Está bem, diz-me então. Porque é que um jornalista de repente ficou interessado no trabalho do teu Dr. Rossi?

Ela suspirou. –É só isso? Há imensa gente interessada no trabalho dele. Não lês os jornais? E querias tu falar com ele para o aborreceres com isso?

Ele inclinou-se um pouco para a frente. –Não propriamente. Porque é que alguém tentaria subornar-me para saber o que é que Rossi trouxe de Turim?

–Subornar-te?– Ela ficou chocada e um pouco excitada.

–Sim. Um jornalista tentou subornar-me. Queria saber o que é que Rossi tinha na mala de viagem. O que achas disto Maggie?

Ela encostou-se ao corrimão em frente dele e abanou a cabeça. –Isso é um mistério. Que eu saiba apenas uma coisa mudou. É algo de índole pessoal não é nada que te possa contar. No entanto não vejo qual seria o interesse de um jornalista nisso.

Sam olhou-a cuidadosamente. Outra das coisas que apreciava em Maggie era que se não pudesse dizer a verdade, não dizia nada.

–Apenas pessoal?– disse ele. –Nunca se sabe. Hoje em dia eles publicam qualquer coisa.

Maggie anuiu, ainda a olhar para o ar; então pareceu ter-se lembrado do motivo da sua missão. –Sam, faz-me um favor, fazes? Não digas ao Rossi

nada sobre isso hoje, está bem? Dá oportunidade ao homem de se acomodar novamente em casa, para falar com a sua irmã e noiva.

–Noiva? Estão realmente noivos?– Sam chegou à conclusão que esta revelação podia fazer com que ganhasse algumas apostas com os motoristas das limusinas se para aí estivesse inclinado, mas não estava.

Maggie olhou para ele como se ele fosse um tratante. –Bem, eles ainda não estão oficialmente noivos mas todos sabem que se casarão. A propósito o que estavas a fazer lá em cima na casa do Sr. Brown?

–Os assuntos do Rossi são privados, mas não os dos outros condóminos, ah?

–Está bem, está bem,– disse ela e virou-se para as portas do elevador numa atitude de indiferença.

Com relutância Sam soltou o botão, desejando poder continuar a esgrimir com a franca e leal Maggie, em vez de ter que voltar para o mundo matreiro. –Apenas a entrega de um envelope, curiosa Maggie,– disse ele.

## CAPÍTULO . 10

Quinta-feira à noite – Apartamento dos Rossi

Felix andava lentamente de um lado para o outro nas sombras do seu obscuro laboratório. Já vestido para jantar, tinha posto o fato preto de sarja de lã que Adeline tanto gostava, e uma bela gravata de Stefano Ricci por baixo da sua bata de laboratório, touca e máscara. Sabia que Adeline esperava no quarto de hóspedes que se tinha tornado o seu quarto naquela casa. Frances, que ficou muito satisfeita quando soube que eles iam sair, disse-lhe que Adeline ia usar um vestido novo, debruado a preto e ele tinha-se vestido a condizer.

No laboratório apenas uma lâmpada estava acesa e incidia na causa do seu atraso: ele tinha preparado os pedaços de fio do Sudário de Turim.

Sem conseguir resistir, ele tinha extraído o sangue usando uma solução muito pouco concentrada, os mais lentos parâmetros de centrifugação, e tinha uma amostra já pronta no seu Atomic Force Microscope. Apenas tinha que se dirigir para lá e dar uma olhadela. Depois disso saberia se o seu projecto tinha possibilidade de sucesso ou não.

Poderia ver células intactas contendo o código genético completo num elemento do ADN de hélice dupla, os seus dois lados juntos por aproxima-

damente três bilhões de pares de bases, como numa escada helicoidal e seus degraus. Precisava de células brancas porque as vermelhas não tinham núcleo e por isso não tinham ADN. Ou poderia ver muitos elementos de ADN fragmentado faltando algumas centenas de pares de bases aqui, outras centenas ali. Ele esperava qualquer uma. O que não queria de maneira nenhuma ver, e que anularia imediatamente o seu projecto era um ADN tão degradado que apenas alguns fragmentos de centenas de pares de bases na sua extensão tivessem sobrado.

Felix vagueava na sombra.

Porque não havia ele de olhar? Porque não andava metro e meio e olhava?

Sentiu-se impotente e temeroso, dedilhando através da sua bata os botões característicos do seu fato Brioni. Trocá-lo-ia com muita satisfação por uma boa célula. Se o ADN estivesse muito degradado, nem todo o seu dinheiro o conseguiria recuperar. O seu plano, o seu sonho, terminariam. Não, o seu coração partir-se-ia se não conseguisse o ADN.

Dirigiu-se para a porta, respirou fundo, e foi direito ao microscópio observando pelas lentes a imagem a ser ampliada alguns milhões de vezes. De principio não conseguia focar a visão, tão consciente estava da sua religiosidade. Felix fechou os olhos e voltou a olhar. Observou amplas células, bactérias e fungos e entre elas fragmentos de células vermelhas mais pequenas, reconhecíveis pelo seu feitio bicôncavo. Não viu uma única célula branca, fragmentada ou intacta.

Ficou apavorado, posicionou o microscópio em busca automática para que atingisse a amostra na sua totalidade. Não viu quaisquer células de ADN utilizáveis.

Ouviu um zumbido e dirigiu-se para o intercomunicador perto da porta.

–Sim?

–Flix, a Adeline pediu-me para te dizer que está quase pronta.

–Está bem. Dá-me só mais um minuto.

A busca tinha terminado e não havia nada. Talvez a solução se tivesse separado, e ele não estivesse a ver uma parte significativa. Pegou no tubo de ensaio que continha o resto da solução e despejou-a para uma larga e esterilizada caixa de Petri que cobriu e colocou no suporte especial de vácuo do microscópio. Podia observar enquanto a caixa estava a ser analisada. Tinha a impressão de estar a observar há anos, não vendo nada de aproveitável, o seu coração desfalecia, sentindo-se ridículo por ter tido tantas esperanças. De repente um largo grupo de neutrófilos apareceu focado, muitos aparentemente intactos. Era um tipo específico de células brancas, presentes no pus em grandes quantidades. –Meu Deus,– murmurou levando a mão à boca,

compreendendo que aquelas células se deviam ter acumulado nas chagas de Cristo.

Lutando contra as lágrimas, Felix murmurou uma oração:

–Pai Eterno, ofereço as chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo para sarar as feridas das nossas almas. Ámen.– depois sentou-se para trás na cadeira do laboratório e aliviado, respirou fundo.

Ouviu novamente o zumbido, depois, –Flix, o que estás a fazer? Vais perder a tua reserva do jantar, pelo amor de Deus!

Rejubilando de alegria, dirigiu-se com rapidez para o intercomunicador e respondeu, –Vou já, querida irmã!

Cuidadosamente removeu a caixa de Petri e, segurando-a com muito cuidado, colocou-a na incubadora nas condições ambientais que a manteriam exactamente como estava até ele ter voltado.

Abriu a porta do laboratório e ali estava Frances, vestida com um cafetã, preparada para passar uma noite em casa e calçada com as suas chinelas preferidas Dipinti.

–Porque estás tu tão feliz?– perguntou.

Ele beijou-lhe a face. –Nada, nada. E peço desculpas pelo sucedido no museu há bocado.

–Acho bem que o faças.– As suas sobranceiras ergueram-se num cómico olhar magoado.

–És uma jóia. Não, és maravilhosa. Falamos amanhã de manhã.

Entretanto Adeline apareceu na sala, deslumbrante no seu vestido sem mangas com três tiras finíssimas em cada ombro. O cabelo estava apanhado, com pequenas madeixas a caírem-lhe pelo pescoço. Fios de diamantes pendurados das orelhas e um anel grande de ónix e diamantes. Ela sorriu quando Felix lhe pegou no braço.

Frances inspeccionou-os com um olhar de aprovação na sua cara. – Vocês os dois têm alguma ideia do bonito par que fazem juntos?

–Não, mas tu vais dizer-nos. – disse ele.

–Parecem estrelas de cinema– disse Frances sorrindo. –Eu devia desprezar-vos aos dois.

Adeline riu-se.

–Bem, então, boa Jane– disse brincando com ela pois achava Frances igualmente bonita, –deixa-nos sair para que os nossos fãs nos possam adorar.– Afagou-lhe o queixo enquanto passava por ela.

Quando desceram, Sam já tinha a limusina à espera. Felix levou Adeline até lá. –Só um segundo,– disse, voltando atrás até à porta de entrada com Sam.

–Queria falar comigo sobre alguma coisa?– perguntou Felix.

Sam olhou na direcção de Adeline. –Nada que mereça fazer esperar uma senhora. Vai cá estar amanhã?

–Sim, vou.

–Então eu procuro-o. Goze a sua noite Dr. Rossi.

Felix anuiu e voltou para a limusina, não se importando que o frio de Janeiro tivesse voltado e que estivesse a tiritar porque não tinha posto nenhum casaco, apenas um cachecol. Adeline tinha-se enrolado na sua quente shahtoosh, uma preciosa peça de vestuário que tinha trazido do Nepal pela justificável astronómica importância de quinze mil dólares. Nessa altura, não conhecia o antílope Tibetano, de cuja barba era retirado o pelo. Estava a ser morto às manadas por caçadores furtivos para contrabandear o seu pelo para o Nepal. Quando leu que Zhaba Duokie, o maior protector destes antílopes em perigo, tinha sido assassinado, sentiu-se extremamente mal e fez uma doação à família de Doujie e ao grupo defensor. Adeline nada sabia sobre isto. Ela nunca lhe tinha perguntado e ele nunca lhe tinha dito o preço real da estola. Para ela era apenas uma Pashmina especialmente elegante.

–One if by land, Two if by sea,– disse ele ao motorista.

–Sim, Dr. Rossi– respondeu o motorista e arrancou para a Avenida, em direcção a sul para a Village.

Adeline inclinou-se e deu-lhe um beijo no rosto. –Muito obrigada,– disse.

–Por quê?

–Por tudo. Por me leares a sair hoje à noite, por seres tu, por esta estola.– Encostou-se a ele e pôs uma das mãos nas dele.

Tão depressa como tinha decidido o que lhe pedir esta noite, ele agora pensou se não teria sido demente. Ela amava-o. Ele amava-a. Devia-o pedir a outra pessoa.

–Sabes, estive a rezar antes de sairmos,– disse numa voz calma.

–Estiveste?

–Sim, achei que era importante entregar-me, entregar-nos nas mãos de Deus. Para reiterar em oração que a vida que quero para mim, e para nós, é a vida que Deus desejou que vivêssemos.

Achou a conversa dela extraordinária, como se ela estivesse a ler os seus pensamentos. Apertou-lhe a mão, confirmando, e olhou em frente para a noite brilhante de Nova Iorque.

À sua volta cintilavam as luzes dianteiras e traseiras dos táxis, limusinas e carros. À sua direita via passar as luzes dos candeeiros do Parque. A luz dos postes de iluminação pública que faziam um arco sobre a Avenida e as dos carros luziam. Em baixo na Avenida que descia em frente a eles, o brilho das lanternas no chão dos arranha-céus fazia-os parecer grelhas brilhantes. O olhar de Felix capturou o sinal ainda distante sobre o edifício 666 na Quinta Avenida, entre a 52<sup>a</sup> e 53<sup>a</sup>. Os seus imensos três números seis com lâmpadas néon vermelhas tinham transformado a morada infame numa habilidade

publicitária. Secretamente Felix tinha sempre detestado ter que ver aqueles números sempre que tinha que descer a sua própria avenida – a marca do Anticristo, o testemunho da besta.

Esta noite parecia um portento ameaçador. Como que a confirmar o motorista resmungou alto ao olhar pelo retrovisor.

–O que se passa?– perguntou Felix.

–O carro de trás tem vindo encostado a nós há aproximadamente três quarteirões. Não consigo ver a matrícula. Provavelmente um motorista de Nova Jersey.

Felix voltou-se imaginando o diabo ao volante atrás dele. Vendo que nada disso era real, agarrou na mão de Adeline e recordou os milagres das coincidências que já tinham acontecido: a investigação de clonagem que ele tinha feito sem imaginar que mais tarde iria possivelmente necessitar dela, a chamada decisiva de Frances que sem demora o fez usar os únicos momentos a que tinha acesso ao Sudário, o funcionário da alfândega no aeroporto e, contra todas as casualidades, a impressionante aglomeração de neutrófilos que tinha acabado de observar no microscópio. Talvez não tão dramático como quando Deus transformou o bordão de Moisés numa cobra, mas mesmo assim inconcebível.

Quando viraram na direcção de uma rua sossegada de Village Oeste, Felix imaginou que o seu destino podia estar ali à sua espera. Ele tinha escolhido aquele restaurante porque tanto Adeline como ele gostavam imenso dele. Originalmente tinham sido as cavalariças e o local das carruagens pertencentes à casa de Aaron Burr. Adquirido e aberto pelo extravagante Armand J. Braiger há quase trinta anos, One if by land, Two if by sea tinha-se mantido ao longo dos anos sempre delicioso, fazendo com que eles acabassem por lá voltar inúmeras vezes, embora outros restaurantes da moda abrissem e fechassem. As suas paredes brancas com as letras do seu nome sobrelevadas, as suas simples janelas eram fáceis de passar despercebidas a quem não conhecesse. Por dentro, tudo era elegante, com um bom ambiente e muita simpatia.

Abriu a porta preta lacada para Adeline enquanto entravam para uma sala muito acolhedora com um bar. À direita embutidas nas paredes de tijolo havia duas lareiras forradas a madeira e com grelhas de bronze. Perto das janelas de vidros quadriculados um pianista tocava num piano de cauda.

Passaram pelas lareiras, pelos sofás de espaldar alto forrados com tecido às riscas e aproximaram-se da secretária do maitre. Este veio na sua direcção para os cumprimentar.

–Dr. Rossi, Madame. Bem vindos. Temos a vossa mesa habitual. As que se encontram à volta esta noite vão estar vazias.– Piscou o olho sub-repticiamente a Felix que lhe tinha pedido toda a privacidade que ele pudesse arranjar.

Felix ia imediatamente atrás de Adeline que seguia o maitre através



do salão principal do restaurante. Aqui, quase toda a parte original do piso superior tinha sido eliminada para proporcionar tectos altos. No andar de cima, tinham sido colocadas balaustradas em frente às restantes salas. Os clientes de cima podiam ver os de baixo e os de baixo os de cima. Nunca se tinha sentado nesses locais. Eram destinados a pessoas que desejavam ser vistas. Ele não tinha essa intenção. Quando os olhares não os seguiam ele sentia-se aliviado.

Passaram por arte popular americana pendurada num painel de carvalho incrustado na parede de tijolo; uma janela com o vidro pintado a vermelho e azul; arranjos florais altos e espectaculares; e mesas antigas brancas, os seus cristais e prata brilhavam à luz das velas. Pararam num local com vista para os jardins ao lado de portas envidraçadas com cortinados em branco pregueados. O maitre puxou a cadeira para Adeline e depois acendeu a única vela colocada num suporte de estanho. Na toalha de damasco, uma informação que lhe tinha sido dada por Adeline, tudo era autêntico: as pratas, a porcelana fina, os botões de rosa num vaso de prata. A mesa por trás deles estava vazia assim como a da frente e a lateral. Enquanto se sentava Felix passou sorrateiramente para a mão do maitre uma nota de cem dólares.

O maitre deixou-os com o menu: preço fixo, como a maioria dos restaurantes de Nova Iorque desta categoria. Eles podiam jantar pela modesta quantia de cinquenta e nove dólares cada um pelo prato principal, entradas e sobremesas à escolha. No ilustre River Cafe seria setenta cada, no fabuloso Daniel oitenta e cinco. Nenhum deles no entanto lhes dava o isolamento de que ele necessitava nesta noite. Vinho e cocktails eram à parte, como o era a salada de lagosta, a costeleta de vitela, ou o soufflé para sobremesa. Ele nunca pagava as contas directamente. Eram-lhe enviadas mensalmente.

–Querido, têm rodovalho assado esta noite,– disse Adeline, –Quero isso e um soufflé de limão.

–O que queres comer de entrada?– perguntou ele.

–Conheces-me, se houver sopa de cogumelos, eu como sempre.– Os seus olhos acinzentados brilhavam à luz das velas, distraíndo-o do discurso que estava a treinar mentalmente.

Ele pousou o menu. –Eu vou comer o mesmo.

Fez o pedido ao empregado de mesa e seleccionou um vinho, ouvindo o som de uma cadeira a deslizar. Quando se voltou viu que um homem tinha ocupado uma mesa na fila seguinte. Estava sentado de costas para eles. Felix achou que estava suficientemente afastado para não ouvir a sua conversa.

–Adeline?– disse ele, puxando a sua cadeira para mais perto dela e baixando a voz.

Ela também se aproximou mais dele dizendo. –Sim querido?

–Quero falar contigo sobre algo importante.

Ela sorriu e olhou-o atentamente.

–Preciso de te avisar que de início pode-te parecer estranho.

Ela olhou para ele perplexa. –Estranho?

–Sim, muito. No entanto espero que faça sentido quando terminar.

–O que é? Sabes que me podes dizer o que quer que seja.

–Primeiro rezas comigo?

–Com certeza.

Fizeram o sinal da cruz e baixaram a cabeça, e quando Felix começou numa voz sussurrante, Adeline seguiu-o:

–Eu, Felix...

–Eu, Adeline...

–Entrego-me e consagro ao Sagrado Coração de Nosso Senhor Jesus Cristo a minha vida, as minhas acções, dores e sofrimentos, para que não esteja disposto a fazer uso de qualquer parte do meu ser a não ser para honrar, amar e glorificar o Sagrado Coração. Este é o meu propósito imutável, nomeadamente para ser completamente Sua e de fazer todas as coisas por amor a Ele, e ao mesmo tempo renunciar com todas as minhas forças a tudo o que o desagradar.

Felix parou impulsivamente, estendeu as mãos sobre a mesa e pegou nas dela. Cuidadosamente, metodicamente, ele começou a explicar o sucedido. Começou com a chamada de Frances para Turim.

Embora olhasse para Adeline enquanto falava, havia alturas em que não lhe conseguia ver a cara. Ele via o Sudário, via o sangue, que chegou a ser o sangue da sua mãe, viu imagens de feridas, que chegaram a ser as do corpo do seu irmão recém-nascido. Por duas vezes parou por não conseguir prosseguir.

Adeline estava tão atenta que parecia estar a memorizar as palavras dele. Encorajado, contou-lhe a história completa, inclusivamente o que se tinha passado nessa noite. Quando parou, notou que tinham as mãos tão apertadas como se, se ao soltá-las pudessem cair.

Ele viu-a engolir em seco, o espanto retratado na sua cara. Tinha guardado a parte relacionada com ela para o fim.

Beijou-lhe as mãos e segredou, –Quem será a minha Maria senão tu?

–O quê?– murmurou a palavra como se a orar.

–Serás tu a mãe, Adeline?

Ela abriu a boca mas nada disse. Duas gotas brilhantes caíram-lhe pela cara abaixo.

Ela estava a chorar. –Não chores,– pediu ele, pois não tinha previsto aquela reacção e não sabia qual era o seu significado.

As suas lágrimas começaram a correr com abundância e deu um forte soluço. Ela tentou soltar as mãos das dele, mas Felix agora estava tão receoso que não as largou.

–Não chores, não chores,– disse ele, a sua voz aumentando ao som dos soluços incontroláveis, tal e qual os de uma criança. Ele saltou da cadeira, ainda com as mãos dele nas dela chegando à conclusão, tarde demais, do terrível erro que tinha cometido. Com ela entre os seus braços e a sua cabeça no seu peito, a sua caríssima shahtoosh caída aos pés e de repente ali estava o maitre dizendo algo a Felix que ele não compreendeu. Mas as portas envidraçadas que davam para a varanda abriram-se e eles saíram para fora, sozinhos com o jardim à frente, sendo observados por outros clientes como se fossem actores num filme.

–Adeline, Adeline,– repetia ele. Tentou levantar-lhe a cara do seu peito mas parecia que ela ainda a escondia mais, enterrando-a contra o casaco do fato dele, o seu tronco levantando-se e baixando-se num esforço inútil para parar com o soluçar.

## CAPÍTULO . 11

### Apartamento dos Rossi

Quando Maggie viu o livro de culinária que Miss Rossi tinha comprado, quando ela e Adeline disseram que tinham ido sozinhas às compras, posto os aventais, tinham sobre cartas secretas e começado a cortar vegetais, Maggie apercebeu-se de que as coisas na casa dos Rossi se tinham alterado. Habitualmente era Maggie que ia de limusina à feira do Harlem, na baixa, para lhes comprar o salmão fumado, caviar, pão e outras coisas. Mas quando o Dr. Rossi disse que não tinha necessidade dela no laboratório e Adeline mencionou que estava apaixonada por um Judeu, Maggie pensou seriamente se devia lá pernoitar. Talvez não tivesse emprego de manhã, se as coisas se alteravam com tanta rapidez.

Imaginou a sua viagem para casa. Descer a Quinta Avenida, esperar pelo autocarro da rua 96 que se dirigia para o oeste da cidade – porque a Este do Central Park, Oeste de Lexington e a norte da 63ª Avenida, onde viviam a maioria dos ricos, não havia metropolitano. Ir até ao fim da linha. Um mundo diferente. Apenas a vinte e nove minutos de distância.

Andar um quarteirão, ir por um túnel em arco coberto por graffiti para um pátio interior com árvores esguias e buchos. Talvez tivesse que passar por alguns traficantes de droga. Subir as escadas escuras; entrar num apartamento imenso com tectos tão altos como estes. O seu edifício tinha sido um modelo

para os de Dakota, excepto que estes não tinham caído na ruína.

Ou também podia sair duas paragens acima, na 135<sup>a</sup> rua aonde estava o colorido mosaico de Black Manhattan. Martin Luther King, Marcus Garvey, Satchmo a tocar o seu trompete. Se andássemos para sul passando o Harlem Hospital e a Livraria de Schomburg, pela rua 131<sup>a</sup> abaixo e virássemos à direita entrávamos numa rua cheia de igrejas, a maioria pintada de uma cor acastanhada. A dela não era. Era de pedra. Tinha uma grande cruz em néon visível de noite quando o pecado era mais provável de acontecer.

Foi na sua igreja que primeiro ouviu falar no Dr. Rossi, e que este andava à procura de uma empregada com experiência laboratorial. Maggie fez tudo para que o pastor da igreja lhe arranjasse uma entrevista, recorrendo aos biscoitos que ele mais gostava como persuasão, e a um boião do doce de arando que ele tanto adorava.

Quando foi pela primeira vez ao apartamento dos Rossi, mal queria acreditar naquele lugar – ou no lindo quarto por trás da cozinha que eles logo disseram ser dela sempre que ela quisesse. Maggie não tinha passado lá muitas noites, pois queria que eles soubessem que tinha um lar. Esta noite havia uma razão para ficar, e acreditava que Deus ajudava quem se ajudasse.

Quando o Dr. Rossi saiu para jantar notou a expressão radiante na sua face. Ele nunca a conseguia esconder. Significava que algo de excitante tinha acontecido no seu trabalho. Agora tinha chegado a altura de saber porque é que ele subitamente a tinha posto de lado.

Deambulou pela casa fora, limpando o pó invisível, e aguardando que a encomenda de Miss Rossi a Balducci chegasse. Quando chegou, dispôs tudo num dos lindos tabuleiros pintados à mão que eles possuíam, e levou-o para a sala de estar onde Miss Rossi se encontrava perto da lareira, relendo um monte de cartas antigas e já desbotadas, os seus pés de pantufas em cima da mesa de apoio. Maggie presumiu que fossem estas as cartas dos seus parentes Judeus das quais Miss Rossi e Adeline tinham estado a falar longe dos ouvidos do Dr. Rossi.

–Aqui está. Não é tudo uma beleza?– disse Maggie ao pousar o tabuleiro. Frances baixou a carta dizendo, –Nunca lhes consigo resistir,– e pegando com os dedos num rolo de caranguejo com natas e queijo, deu-lhe uma dentada suspirando. –Oh, devia haver uma lei.

–Deseja mais alguma coisa Miss Rossi?

–Não Maggie. E não quero que cá fiques de noite só para me apapares desta maneira. És bem vinda a ficar mas não quero fazer de ti minha escrava.– Frances calou-se de repente e ficou horrorizada.

–Não tem importância,– disse Maggie sorrindo. –Eu sei que não sou escrava. Já fomos.– Ela virou as mãos de baixo para cima. –Hoje em dia somos apenas minorias.

–Nem quero acreditar que eu tenha dito uma coisa destas.

–Não se preocupe com isso, mas já que o mencionou, como se sente?

–Como se sente o quê?

–Ser uma minoria. Sente-se alguma diferença?

Frances olhou para cima em direção a um quadro como a ponderar.

–Não se sente diferença alguma. De qualquer maneira não me preocupa minimamente. Sinto-me eu própria.

–Eu também.– Maggie piscou-lhe o olho. –Agora já conhece o nosso segredo.

Frances riu-se e pegando num pires do tabuleiro disse. –Pega num rolo de camarão Maggie. Senta-te aqui comigo, finalmente e vamos conversar. Tenho a certeza de que preciso de alguns conselhos.

Maggie disse. –Hum... Daqui a pouco. Tenho algum trabalho para fazer antes de descansar.

–Oh. Senta-te,– disse Frances. –E põe os pés ao alto. Não é crime nenhum.

–Daqui a pouco. Daqui a pouco. Eu volto já.– Maggie saiu apressadamente da sala e ficou à escuta até ouvir apenas o barulho do lume na lareira e das páginas a serem voltadas. Depois saiu da cozinha em bicos dos pés e dirigiu-se para a sala de entrada e através da tapete Persa para o laboratório.

À porta tirou do bolso a chave. O Dr. Rossi ainda não lhe tinha pedido para lha devolver. Prendendo a respiração, cheia de medo, carregou no botão do intercomunicador do laboratório procurando algo no bolso do seu avental para que o mantivesse premido, encontrou um clip e fez dele cunha para segurar o botão do intercomunicador. Desta forma saberia quando alguém se dirigisse para a sala de entrada. Só então abriu a porta com a chave, mas o mínimo possível e fechando-a logo atrás de si. Acendeu uma pequena luz e deu uma corrida para a secretária. Não conseguiu encontrar nenhuns registos.

Abriu a gaveta do meio onde o tinha visto com frequência colocá-los. Apenas registos com datas antigas estavam lá. Abriu as gavetas laterais mas não encontrou nada com data recente. Será que ele tinha sabido que ela havia espreitado um e os teria escondido?

Quando se levantou para procurar no resto do laboratório, parou bastante surpreendida ao ouvir que o Dr. Rossi e Adeline tinham regressado tão cedo. Ele estava a pedir-lhe em voz alta que ficasse, e Adeline estava a recusar, também em voz alta. Maggie nem queria acreditar no que estava a ouvir. Entretanto Adeline começou a acusá-lo por ter mentido ao dizer que a limusina não a podia levar directamente para casa. Disse-lhe que não queria esperar mais. Ia descer e pedir ao Sam que lhe arranjasse um táxi, mas aparentemente o Dr. Rossi estava a bloquear-lhe a saída. Depois ouviu Frances na sala de entrada a perguntar o que tinha acontecido. Adeline gritou-lhe

dizendo que não tinha acontecido nada.

Maggie estava tão em pânico como lhe parecia estar Adeline. Ali estava ela, apanhada no laboratório do Dr. Rossi quando ele lhe tinha dito que não a queria lá. Torcia as mãos enquanto ouvia pelo intercomunicador. Deviam ter baixado as vozes pois a única coisa que conseguia ouvir era um resmungar por entre dentes. De repente o Dr. Rossi gritou para a irmã, –Deixa-nos sós!– e ouviu Miss Rossi sair para um lado qualquer e bater com a porta. Isso Maggie ouviu lindamente.

Entretanto Adeline deve-se ter sentado no chão do vestíbulo, pois Maggie ouvia chorar, mas dum ponto mais distante. E o Dr. Rossi implorando e pedindo desculpas – provavelmente de joelhos, imaginou Maggie.

O que terá ele feito? Nunca durante os cinco anos em que lá trabalhava tinha havido uma cena como esta. Ela sabia que havia homens que não conseguiam passar vinte e quatro horas sem causar problemas, mas o Dr. Rossi não pertencia a esse grupo.

Maggie escutava e rezava para que ele não viesse para o laboratório.

–Não era minha intenção magoar-te. Não tinha ideia de que tinhas esses sentimentos,– dizia ele. Adeline desatou a chorar e ele suplicava-lhe para que não chorasse.

Ela lamentava-se, –Eu sou uma mulher, uma mulher de carne e osso!

–Eu sei.

–Não, não sabes. Não sabes nada a meu respeito!

Maggie matutava no que poderia ter acontecido.

–Está claro que sei.– Dizia o Dr. Rossi como se estivesse a raciocinar com Adeline, que respondeu como se estivesse apaziguadora, embora Maggie não acreditasse nisso. E Maggie tinha razão porque de repente Adeline disse:

–Eu não concordo! E recuso-me a transportar um... um... clone! Eu quero transportar um filho nosso! Quero que nos casemos e que tu me engravides com um filho teu! Teu, Felix! Não te amo apenas desde a altura em que fizemos amor. Amo-te desde os tempos de escola. Desde essa altura que tive esperança de que deixasses de viver como um monge. Não és padre Felix! Sei que querias ser, mas não és.

Fez-se silêncio na sala, provavelmente porque o Dr. Rossi estava em estado de choque. Maggie certamente que estava. Nunca teria adivinhado que Adeline o amava há tanto tempo, mas Maggie estava mais preocupada com a menção do clone – o que o diário dele dizia era que ela seria dispensada.

Maggie abandonou a porta e com rapidez moveu-se pelo laboratório remexendo em todas as superfícies, todos os armários, todas as gavetas e não encontrou nada. –Jesus, se é tua intenção que eu saiba o que se passa para que possa ajudar e talvez manter o meu emprego, faz com que o encontre, não fazes?

Estava quase a desistir, quando viu algo no cimo de um monitor que estava montado na parede num dos cantos da sala. Esticou-se. Era o diário. Pedindo desculpas por ter falado rudemente com o Senhor, agarrou-o e correu para a porta, tentando ouvir se alguém se dirigia para lá. A entrada estava em silêncio, o que a preocupou.

Incapaz de resistir, abriu um pouco a porta de metal o suficiente para ver que Adeline e o Dr. Rossi se beijavam em frente à porta do quarto dele. Na realidade Adeline é que estava a beijar e o Dr. Rossi a tentar afastá-la.

–Não podemos,– disse ele –temos que esperar. Tu terás o nosso filho Adeline, prometo, mas não pode ser agora. Eu tenho que fazer isto. Eu tenho. Espero que compreendas.

Respirando pesadamente, Adeline afastou-se dele. Maggie fechou a porta e começou a espiolar os registos enquanto ia ouvindo.

–Estás a falar a sério?– disse Adeline. –Em vez de me amares queres salvar os judeus?– E começou novamente em pranto, mas o Dr. Rossi em vez de a consolar falou com uma voz sob tensão.

–Agora que sei o que se passou com os meus pais, sei porque é que cada Judeu com quem me cruzei tem sido um barómetro ambulante, cuidadosamente medindo a temperatura do mundo não-judeu, sabendo que se pode tornar venenoso para ele. Não se pode ter a certeza de estar seguro para sempre, aqui ou noutra sítio qualquer. Pode significar discriminação. O que digo eu? Pode significar perseguição. Pode significar tortura. Pode significar sangue. Pode significar morte. Pode significar...

Maggie ouviu um estalo, depois o silêncio. Ter-lhe-ia ele batido? Não, ele não o faria. Deve ter sido Adeline que o fez. Maggie também lhe teria dado uma bofetada. Ele estava a começar a ficar histérico.

Maggie encontrou as novas páginas do diário, e enquanto as examinava, ouviu novamente a voz de Miss Rossi no salão. Parecia deprimida, como se tivesse perdido um sonho.

–Posso fazer uma sugestão?

Maggie ouviu profundos suspiros.

–Flix, Adeline. Não quero intrrometer-me, mas seja qual for o problema, tenho a certeza de que amanhã será diferente. Talvez fosse melhor irmos todos deitar-nos.

Devem-se ter dirigido todos no sentido da porta da frente pois Maggie não os conseguia ouvir bem. Estavam todos a falar em tom civilizado. Ouviu a porta da frente fechar-se e o Dr. Rossi dizer boa noite à irmã.

Maggie estava a pensar aonde se poderia esconder se ele viesse para o laboratório.

Pôs-se à escuta durante algum tempo e, tendo deixado de ouvir o que quer que fosse, levou os registos para a secretária dele e sentou-se. Ele tinha

começado outra lista com os procedimentos a ser efectuados passo a passo, seguidos de páginas com detalhes, mas Maggie não conseguia compreender todos os procedimentos nem os termos científicos. Ele tinha escrito sobre ovócitos doadores e úteros doadores – não de animais como a ovelha Dolly, aparentemente, ao encontro do que Adeline tinha mencionado. O que Maggie não compreendia era a menção que ele fazia aos fios? Porque estavam eles cheios de sangue?

Maggie abriu o volumoso dicionário médico sobre a secretária e procurou praticamente todas as palavras, tropeçando pelas páginas do registo sobre fertilização in vitro e ADN. Estava ele a tentar clonar um ser humano com genes diferentes daqueles que Deus lhes tinha dado?

Leu os seus apontamentos sobre gestação, que listava o que ele tinha que fazer em alturas diferentes. Maggie procurou no dicionário e descobriu que era gravidez, conforme tinha pensado. Ele tinha notas até ao nono mês. Ela voltou para trás e releu o primeiro parágrafo sobre os fios, depois levantando o olhar, deu com a réplica do Sudário.

Ele tinha estado em Turim.

–Oh Senhor, oh Senhor!– Murmurou Maggie, horrorizada. Releu os apontamentos em tudo que fazia referência a fios. De onde tinham eles vindo?

Gradualmente, a sua memória começou a recordar e a juntar pequenas conversas que tinha escutado. O jornalista que Sam referiu, curioso em saber o que tinha o Dr. Rossi trazido de Turim. As lágrimas de Adeline. O que o Dr. Rossi tinha dito sobre os judeus. Quão próximo ele estava da igreja, como tinha padres que eram seus amigos e um estava em Turim. O quanto ele acreditava no Sudário.

Não podia ser.

Maggie olhou para cima para a réplica do Sudário.

Não podia ser.

Voltou a pôr os registos na gaveta central da secretária, apagou as luzes, e depois de ter escutado à porta, escapou-se para o salão de entrada e retirou o clip do intercomunicador. Fechou a porta do laboratório à chave e entrou na sala de estar vazia, apagou o lume da lareira, endireitou as almofadas do sofá, e pegou no tabuleiro pintado. Na cozinha, que praticamente nunca era usada, colocou o pires de Miss Rossi na máquina de lavar louça, lavou à mão o copo de vinho de cristal, e guardou o vinho e os rolos de caranguejo.

Depois dirigiu-se para o quarto que lhe tinham destinado. Tinha um banheiro próprio. Tinha papel de parede com um estampado castanho-avermelhado e uma cama lindíssima de verga entrançada, com várias almofadas com franzidos. Maggie ajoelhou-se no tapete, apertou as mãos uma na outra, esticou os seus braços escuros sobre o edredão rosa e castanho.

–Jesus,– rezou ela. –Olha pelo Dr. Rossi. Ele é um pouco louco mas



é um bom homem. Embala-o nos teus braços, como o tens feito comigo. Dá-lhe sabedoria. Ajuda-o a fazer a tua vontade. Afasta-o de Satanás. Guia-lhe o caminho se ele estiver no caminho errado. Se não estiver...– baixou a cabeça, tinham-lhe faltado as palavras, citações da Bíblia passavam-lhe pela mente sem parar. Sentiu-se tonta e assustada. –Se ele não estiver no caminho errado– murmurou ela, –se ele está a fazer a tua vontade,– fez uma pausa, as suas mãos tremiam, – dai-lhe a graça, dai-lhe a vossa protecção; através dos vossos olhos, deixai-o encontrar a graça divina.

## CAPÍTULO . 12

Sexta-feira de manhã – As Barracas

Sam pousou o jornal. Durante a noite tinha havido um massacre em África. Tinha acabado de ler a notícia no The New York Times. Envolvia os dois países que recentemente se tinham envolvido em guerra. O agressor tinha sido o lado para quem ele tinha levado a minuta do cessar-fogo, a pedido do Sr. Brown. Aparentemente não tinham gostado dos termos.

Abandonou o seu apartamento e atravessou o corredor dirigindo-se para a sala comum nas Barracas, desejando não ter visto as fotografias das duas crianças mortas. Na maneira de Sam ver as coisas, quando duas crianças tinham tido as cabeças abertas por catanas, as tropas já deviam estar a caminho, mas estava habituado ao facto de pensar mais como europeu do que como americano.

–Hei, como estão vocês?– perguntou ao guarda de serviço e aos dois motoristas sonolentos que tinham os pés em cima da mesa.

Resmungaram qualquer resposta. Ainda era cedo.

Pegou numa chávena e encheu-a com café. Quando acabou de encher a chávena, África já lhe tinha saído do pensamento. Observou o quadro de escalas para se certificar de que tudo estava em ordem, e depois começou a planear o seu dia de folga: uma viagem Estado acima para ver um homem sobre uma moto que ele há mais de vinte anos desejava, e se conseguisse chegar a tempo, uma noite nas docas de Jersey.

Era um péssimo hábito que tinha desde os tempos de marinheiro. A única companhia feminina que muitos homens do mar alguma vez tinham, era a das prostitutas que iam ao encontro dos barcos de mercadorias em cada porto. Sam adorava todo o tipo de mulheres, com excepção das prostitutas

de luxo. Ele era irlandês, nova-iorquino musculoso demais para elas. Mas não tinha esquecido os seus primeiros amores, as genuínas prostitutas dos marinheiros. Perigosíssimas. Sam passava a maioria das suas noites de folga com os seus amigos num bar que se chamava Molly Malone, mas desde que tinha abandonado a marinha mercante norte americana já se tinham passado dezoito anos, ele não conseguia passar mais do que seis meses sem uma excitante e carnal visita às docas – mesmo que andasse nessa altura com alguma mulher. Já se tinham passado sete meses, e Sam estava impaciente.

Durante anos tinha presenciado o fecho dos portos de Nova Iorque, tinha visto o velho cais de Brooklyn desmoronar mesmo junto da BQE – Brooklyn-Queens Expressway – até que apenas um único bar de marinheiros ficou de pé, parecendo mais um fantasma enquanto a área à sua volta ia ficando deserta. Quando finalmente fechou, passou a frequentar a zona de Jersey, alimentando memórias dos bares da Avenida Atlantic aonde os polícias andavam quase todas as noites. Estava desejoso por passear num convés inclinado como se ainda tivesse pernas para o mar ou pelo menos passear ao longo da água e trocar patranhas com marinheiros nos poucos bares que ainda existiam em terra. Presentemente os marujos eram quase todos estrangeiros, porque a maioria dos navios navegavam sob bandeira de outros países com tarifas mais reduzidas. Para comunicar, o Francês e o Italiano que sabia eram suficientes. Depois arranjaria uma fêmea de qualidade que estivesse preparada para um homem que não tinha mulher há semanas.

O pensamento era tão tentador, que até considerou pôr de parte a sua viagem Estado acima, para ter a certeza de que conseguiria ir às docas. Depois, pensando melhor, achou que já tinha esperado tempo suficiente para possuir um T140D Triumph Bonneville Special de 1979. Em qualquer caso dar-lhe-ia um prazer mais duradouro.

Dirigiu-se para o vestíbulo e deu uma olhadela, como se estivesse a inspeccionar a sua própria casa antes de sair. Começou por olhar para cima das escadas em direcção à porta e viu as lindas pernas de uma bailarina. Quando olhou para ela reconheceu a mulher que na véspera tinha visitado o Secretário de Estado em casa do Sr. Brown. Ela hoje trazia um casaco de pele diferente, era cinzento, e parecia tão boa que Sam invejou ainda mais o Secretário de Estado.

–Bom dia,– disse ele.

Ela parou quando chegou perto dele. –És o Sam não és?

Ele deu um largo sorriso, os seus pés movendo-se em direcção a ela sem qualquer doutrinação.

–Como sabe o meu nome?

–Ouvi o mordomo ontem chamá-lo.

–Eu estava com o uniforme de porteiro. Estou surpreendido que me

tenha reconhecido.

Ela riu-se. –É óbvio que fazes mais do que guardar portas. Estou certa?

Estendeu a mão como se Sam lhe devesse dar o braço. E ele assim fez.

Acompanhou-a até ao vestíbulo. –Talvez penses assim porque fazes mais do que dançar, estou certo?

Ela deixou cair o queixo e abriu-lhe os seus grandes olhos cor de avelã, insinuando que ele sabia a resposta.

–Quer que avise para cima para o Sr. Brown?– perguntou ele.

–Não.– Ela sentou-se num banco de mármore almofadado. –Eu vim um pouco cedo. Faça-me companhia.

Sam olhou para cima para os monitores do vestíbulo. Sabia que os rapazes estavam a observa-lo a ele e à mulher, apupando e fazendo apostas sobre o que se iria passar. Esperava não os desapontar.

Ela bateu ao de leve com a mão na almofada fazendo-lhe sinal para ele se sentar o que ele fez.

–Tira prazer disso?– perguntou ele.

Ela olhou-o. –Habitualmente. Ontem não. Sabe, ele é um filho da mãe.

–Quem?– perguntou preocupado.

Ela olhou para baixo para a tapete cor creme. –Sabes a quem me refiro.

–Peço desculpas. Ele ainda lá está em cima?

–De certeza que está,– disse cruzando uma das suas belas pernas sobre a outra. –Ele está irritado por eu estar viva e a mulher dele não.

Sam inclinou-se pousando os antebraços nas coxas. –Não voltes lá,– disse baixando a voz.

Ela deu-lhe uma palmadinha na mão. –Não. Tenho que ir. O aluguer, tu sabes!

Ele gostou do que viu no rosto dela. Era esperta, simpática, e sabia tudo sobre os homens, provavelmente gostava do acto de copular, e estava muito virada para o dinheiro. Verdadeiramente o seu tipo. –De quanto precisas?– perguntou.

Ela deitou-lhe um olhar de compaixão. –Cinco mil dólares.

Sam assobiou. –Deves ser muito boa.

–Foi o preço que estipulei para voltar cá. Acredita, devia ter sido mais alto.

Sam não queria ouvir falar nisso, assim como não queria ter visto aquelas duas crianças mortas no jornal. Ele sabia o que os homens podiam fazer às mulheres, o que o mundo podia fazer às pessoas, e por vezes ele era parte nisso. Não a podia ajudar. A moto estava rapidamente a voltar à sua primeira prioridade.

Levantou-se para sair, mas ela pegou-lhe na mão e disse, –Sam, ninguém disse que sua alteza tinha que ser o primeiro.

–A sério?

Sorriram um para o outro, os olhos dela com um pouco de malícia e um pouco de vingança.

Ele sabia que os rapazes lá atrás tinham ficado de boca aberta quando agarrou na mão dela, mas Sam já tinha deixado de se preocupar. Guiou-a pelo cotovelo pelo salão em direcção à cozinha vazia que não tinha câmaras de segurança uma vez que ali não havia nada para roubar, e apenas uma porta de entrada e saída. Antes que a porta se fechasse atrás deles, Sam tirou-lhe o casaco e ia caindo de costas. Ela estava nua, com excepção dos sapatos de salto e umas ligas finas e transparentes que seguravam as meias de seda – um atractivo que ainda não tinha sido ultrapassado. Ele fixou os dois motivos porque ela não tinha continuado como bailarina, mas que tinham feito um sucesso com o Secretário de Estado. Os seus seios eram espantosos: grandes direitos e perfeitamente moldados. Não tinham ar de ser falsos. Nunca tinha visto tanta perfeição na carreira marítima do Rockettes. E se ela dançasse num musical, a música não seria ouvida.

Ele pôs as suas mãos à volta deles, os seus polegares nos mamilos roliços, e pressionou o seu corpo contra o dela. Após quinze vigorosos minutos, Sam dobrou-se tremendo sobre o balcão, as pernas dela à volta da sua cintura, a sua cara entre os seios dela. Ela não se veio, mas ele, diabos o levem, sim. Sam já não iria às docas de Jersey à noite.

Quando o telefone celular tocou ele não mexeu o corpo enquanto o tirava do bolso da jaqueta. Queria ficar assim por um pouco mais.

–Sim?

Era o seu substituto da portaria. –Viste alguém entrar à procura do Sr. Brown?– O seu substituto não disfarçou o gozo da sua voz.

–Sim, sim.

–Bem, estão à espera dela lá em cima, leva-la lá?

Sam suspirou e passou a sua língua à volta do mamilo dela. –Sim, eu levo-a lá acima.

Ele quase se excitou novamente, lembrando-se do momento selvagem quando ela se tinha quase vindo – parecia que estava a dominar-se. Ele não tinha conseguido fazê-la vir-se, mas bem que o tinha tentado. Desligando o telefone pôs os seus dedos entre as coxas dela, mas ela afastou-as.

–Isso eu tenho que lhe dar a ele.

Sam compreendeu. Uma mulher que conseguia ter orgasmo num acto sexual normal era tremendamente excitante. Chupar os seus mamilos, acariciar as partes, penetrá-la, e de certeza que ela se derreteria toda sobre a sua pila latejante. As melhores prostitutas faziam-no. Por isso levavam mais caro. Era uma das coisas em que ele era viciado em relação a elas. As fingidoras podiam não ser más, podiam ser meigas, mas Sam e homens como o

Secretário de Estado suspiravam pelo genuíno.

Passados alguns momentos já estavam no vestíbulo, Sam tinha-se vestido delirante enquanto ela se dirigiu rapidamente para o seu cliente. Quando as portas do elevador se fecharam, ele tentou por as mãos por baixo do casaco dela mas ela afastou-o, sorrindo e mostrando-lhe a língua.

–Vais voltar a fazer o mesmo novamente?

–Sinceramente, espero que sim.

Beijaram-se até o elevador desacelerar. Quando as portas se abriram, ali estava o Sr. Brown olhando-os fixamente, com o mordomo por trás dele.

–Já vi que a encontraste,– disse ele enquanto pegava no braço da mulher.

Só então Sam se lembrou que não sabia o nome dela, ou aonde vivia. Nada excepto de que ela podia muito bem ser a melhor especialista em Nova Iorque.

Ele viu enquanto o Sr. Brown a passava para o mordomo, que a examinou da cabeça aos pés, lhe arranjou o cabelo, abriu e fechou-lhe o casaco, e encaminhou-a para o apartamento.

Sam nada podia fazer. Quando ela já não estava à vista, a sua atenção voltou-se para o Sr. Brown. Eles nunca tinham tido uma disputa, por isso, ele não sabia como Brown reagiria. Como sempre, o homem parecia uma visão terrena de Deus todo-poderoso, olhando para baixo para alguém insignificante, para quem ele tinha decidido ser razoavelmente generoso.

–Qual é a história com o Rossi e o jornalista?– perguntou Brown.

Sam olhou para Brown calmamente, embora estivesse um pouco assustado.

–Ainda estou a trabalhar nisso. A empregada não sabe de nada.

–Trata disso Sam. Eu não quero ficar cego a nada que aconteça neste edifício.

Sam anuiu e entrou no elevador.

–Mais uma coisa,– disse Brown.

–Sim?

–Eu estou atento.

Sam gelou.

Após um momento, Brown inclinou-se para dentro do elevador e carregou no botão do vestíbulo.

## CAPÍTULO . 13

Sexta-feira de manhã – Apartamento dos Rossi